

Steve McQueen

The King of Cool





Mostra Steve McQueen - The King of Cool

Abbade, Mario (Org.)
1ª Edição
Fevereiro, 2021
ISBN: 978-65-86448-05-4

Produção Editorial: Mario Abbade
Revisão: Mario Abbade
Capa e Projeto Gráfico: Gabriel Cabral

Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais
sem prévia autorização dos organizadores.

Ministério do Turismo apresenta

Banco do Brasil apresenta e patrocina a mostra de cinema

Steve McQueen

The King of Cool

Centro Cultural Banco do Brasil

De fevereiro a abril de 2021

CCBB São Paulo

CCBB Rio de Janeiro

CCBB Brasília



Ministério do Turismo e Banco do Brasil apresentam Steve McQueen - The King of Cool, retrospectiva que celebra um dos atores mais icônicos da indústria cinematográfica e que completaria 91 anos em 2021.

A mostra acontece no CCBB São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Entre as 29 obras – filmes e documentários - que serão exibidas, destaque para os filmes “Sete homens e um Destino”, “Fugindo do Inferno”, “Crown, o Magnífico”, “Bullit” e “Papillon”. A programação digital conta com debates, palestras e aula magna sobre a vida e carreira do astro, além de dois filmes com recursos de acessibilidade e uma playlist com as músicas das produções estreladas por Steve McQueen.

Conhecido por seus papéis de anti-herói, McQueen influenciou diversos nomes do cinema como Colin Farrell, Kevin Costner, Pierce Brosnan e Bruce Willis e foi dirigido por grandes cineastas como Sam Peckinpah, Don Siegel, Peter Yates, entre outros.

Ao realizar este projeto, o CCBB reafirma o seu apoio à arte cinematográfica e mantém o seu compromisso com uma programação de qualidade, além de conceder ao público o contato com a filmografia de um dos maiores atores de todos os tempos.

Centro Cultural Banco do Brasil

Steve McQueen – O Arquétipo do Anti-Herói de Poucas Palavras

Por *Mario Abbade*

O americano Steve McQueen entrou para a história das artes dramáticas não apenas como um dos maiores astros de que se tem notícia, mas também como ícone. Seu estilo contido de atuação, que até hoje dita tendência no segmento mundo afora, levava a uma identificação imediata do espectador com o personagem que o ator encarnava, fosse o herói, fosse o anti-herói da trama. McQueen é descrito pelas fontes mais respeitadas da sétima arte como “ultracool”, daí seu apelido The King of Cool. O âncora da NBC Brian Williams – que já foi considerado uma das 100 pessoas mais influentes do mundo segundo a Time Magazine – assim resumiu o papel representado por McQueen na cultura ocidental: “Não importa se os homens se dão conta ou não, mas ele é o padrão que todos estão perseguindo há 40 anos.”

Egresso de um ambiente familiar tumultuado, McQueen muitas vezes deu vida a personagens difíceis, rebeldes, homens determinados e sedutores – o que correspondia à sua realidade pessoal. O tom de voz grave e baixo, a economia de movimentos, os gestos precisos, o olhar expressivo, o carisma, o talento, numerosas foram as razões para que McQueen, a despeito da fama de entrar em confronto com seus diretores, se tornasse indispensável no elenco de uma produção que visasse não apenas grande bilheteria, mas também aplausos da crítica. A força emanada por sua presença em cena contribuiu para que muitos



Mario Abbade na mercearia em que o personagem Frank Bullitt (Steve McQueen) fazia compras no filme “Bullitt” (1968), na cidade de São Francisco, Califórnia, EUA (2013).

de seus filmes se consagassem como clássicos. E McQueen escolhia a dedo seus trabalhos, sentindo-se à vontade, por exemplo, para dizer “não” a diretores do porte Francis Ford Coppola e Milos Forman, recusando convites milionários para protagonizar produções cobiçadas como “Apocalypse Now” (1979, Francis Ford Coppola) e “Um Estranho no Ninho” (1976, Milos Forman).

Nomes como Colin Farrell, Kevin Costner, Pierce Brosnan e Bruce Willis o apontam como inspiração para o desenvolvimento de suas performances profissionais. O ator tem lugar assegurado em listas da *Première Magazine* e da *Empire* como uma das maiores estrelas produzidas pelo cinema até hoje. O reflexo da influência de McQueen na

cultura também pode ser sentido na música. Os Rolling Stones se referem a ele como “Star star”. Sheryl Crow compôs a canção “Steve McQueen” em sua homenagem. Outra letra em tributo ao ator, que também leva seu nome, é uma da banda Drive-By Truckers que revela a dimensão do que ele significou para muita gente: “Quando eu era menino/ eu queria crescer para ser Steve McQueen.” O ator também é citado em músicas de Leonard Cohen, R.E.M., Beastie Boys, Blur, Boy George e Elton John, entre muitos outros compositores e grupos, e seu nome chegou a dar nome a um disco da banda Prefab Sprout.

Nascido em Beech Grove, Indiana (subúrbio de Indianápolis), em 24 de março de 1930, Terence Steven McQueen (Steve) morreu aos 50 anos, vítima de câncer, em 7 de novembro de 1980, no México. Por sua popularidade, desde 2007 é considerado uma das dez personalidades mundiais mais rentáveis postumamente. Sua imagem é usada em marcas como Rolex e Mustang, e carros e objetos que pertenceram a ele já foram arrematados por preços recordes em leilões. O ator e diretor Richard Attenborough resumiu da seguinte maneira sua importância no campo da história da arte dramática: “Se ele tivesse vivido por mais tempo, teria sido considerado o maior ator de cinema desde Spencer Tracy.”

Abandonado pelo pai, Steve McQueen foi criado por parentes e eventualmente pela mãe, alcoólatra. Viveu uma adolescência turbulenta. No começo da vida, morava em uma pequena cabana ao lado de uma ferrovia com os avós, Lillian e Victor Crawford, sem acesso à água encanada, eletricidade e instalações sanitárias. Depois, o garoto se mudou para a cidade de Slater. Em uma das raras entrevistas que concedeu ao longo da vida, disse: “Eu odiava a vida na fazenda e não me dava bem

com as pessoas das cidades pequenas. Acho que eles ficaram contentes ao me ver sair de lá.” À medida que amadureceu, McQueen adotou a ética e a moral do trabalho duro, inculcadas nele pelo tio-avô Claude Thomson, um próspero produtor de suínos numa comunidade do Centro-Oeste que representou a pioneira figura paterna de sua vida, já que foi a primeira pessoa a lhe oferecer uma estrutura familiar e a lhe ensinar valores.

Ainda garoto, McQueen passou dois anos num reformatório da Califórnia. Aos 15, abandonou os familiares para ser marinheiro, trabalhando também como estivador, frentista, vendedor. Durante três anos serviu na Marinha. A sorte chegou aos 20 anos, quando resolveu ganhar US\$ 15 por semana para interpretar um pequeno diálogo por noite num teatro off-Broadway, o que acabaria levando-o a estudar arte dramática em Nova York, no bairro Playhouse. Nessa época adquiriu sua primeira moto e começou a ganhar dinheiro vencendo corridas não oficiais. Atuando em várias peças e na TV ao vivo, seus únicos papéis no cinema antes de “Procurado Vivo ou Morto” foram em “Marcado pela Sarjeta” (1956), “Império de Gângster” (1957) e “A Bolha Assassina” (1958).

O ator se considerava um cínico indomável e um rebelde nada bonito que sempre procurava personagens obcecados por uma ideia. Apaixonado por carros e motos, ele se tornaria um ávido colecionador, contabilizando mais de 100 modelos de motocicletas. Ao chegar a Hollywood, na década de 1950, McQueen foi logo saudado como o sucessor de James Dean, ator que brilhava nas telas em “Juventude Transviada” (1955), o filme em que encarnava um adolescente rebelde e que foi lançado um mês após a sua morte prematura, aos 24 anos.

McQueen se casou três vezes. A primeira mulher foi a cantora e dançarina Neile Adams, com quem conviveu por 16 anos e com a qual teve dois filhos. A segunda, que conheceu durante as filmagens de “Os Implacáveis” (1972), de Sam Peckinpah, foi a

atriz Ali MacGraw, protagonista do megassucesso “Love Story” (1970), com quem ficou casado de 1973 a 1978. Com a terceira mulher, a modelo Barbara Minty, viveria apenas dois anos, pois morreria em 7 de novembro de 1980, vítima de um câncer na membrana que envolve os pulmões, conhecido como mesotelioma. Seu corpo foi cremado, e suas cinzas foram espalhadas no Oceano Pacífico. O nome do ator foi incluído postumamente no Motorcycle Hall of Fame.

A vasta carreira cinematográfica de McQueen inclui sucessos como “Sete Homens e um Destino” (1960), “Fugindo do Inferno” (1963), “Bullitt” (1968), “Os Rebeldes” (1969), “Os Implacáveis” (1972), “Papillon” (1973), “Inferno na Torre” (1974). Curiosamente, o seu último personagem – vivido no filme “Caçador Implacável” (1980) – foi novamente o de um caçador de recompensa, papel que o alçara ao mundo da fama com a explosão da série “Procurado Vivo ou Morto” na TV.

Importante inventário sobre a trajetória e a arte do ator, a mostra inclui da trama do dramaturgo norueguês Ibsen “O inimigo do povo”, em que McQueen aparece irreconhecível, até longas que criaram parâmetros cinematográficos que são referência até hoje. O ator faz parte de uma linhagem de nomes que constituem marcos da arte dramática, e é preciso que a sua filmografia seja observada e analisada sob essa perspectiva.

Uma das etapas de pesquisa da curadoria realizada por Mario Abbade foi conversar com familiares, amigos e profissionais que conviveram com Steve McQueen, assim como a visita a algumas locações dos filmes “Fugindo do inferno”, “Nevada Smith”, “Crown, O magnífico”, “Bullitt”, “As 24 horas de Le Mans”, “Os implacáveis” e “Caçador implacável”.

Mario Abbade é curador da mostra “Steve McQueen – King of Cool”, jornalista, crítico de cinema do jornal O Globo, colunista da TV Bandeirantes e da BandNews FM, professor do curso de cinema da Universidade Estácio de Sá e diretor dos documentários sobre os cineastas Neville D’Almeida e Ivan Cardoso.



Os Implacáveis (divulgação)



Sumário

- 14 Steve McQueen - The King of Cool | *Por Mario Abadde*
- 16 A arte do ator motociclista | *Por Eriberto Leão*

Filmes

- 20 Império de Gangster (1958) | *Por Bruno Giacobbo*
- 22 A Bolha Assassina (1958) | *Por Pablo Bazarelli*
- 27 O Grande Roubo de St Louis (1959) | *Por Ana Carolina Garcia*
- 28 Quando Explodem as Paixões (1959) | *Por Célio Silva*
- 30 Sete Homens e um Destino (1960) | *Por Marcelo Janot*
- 35 A Máquina do Amor (1961) | *Por Hsu Chien*
- 37 O Inferno é para os Heróis (1962) | *Por Leonardo Luiz Ferreira*
- 40 O Amante da Guerra (1962) | *Por Francisco Russo*
- 44 Quanto Vale um Homem (1963) | *Por Sabrina Fidalgo*
- 47 Fugindo do Inferno (1963) | *Por Rodrigo Fonseca*
- 51 O Preço do Prazer (1963) | *Por Frank Carbone*
- 55 O Gênio do Mal (1965) | *Por Tatiana Trindade*
- 56 A Mesa do Diabo (1965) | *Por Ana Rodrigues*
- 58 Nevada Smith (1966) | *Por Luiz Fernando Gallego*

- 63 O Canhoneiro do Yang-Tsé (1966) | *Por André Gordirro*
- 65 Crown, o Magnífico (1968) | *Por Susana Schild*
- 68 Bullitt (1968) | *Por Mario Abbade*
- 71 Os Rebeldes (1969) | *Por Gilberto Silva Jr.*
- 74 As 24 Horas de Le Mans (1971) | *Por Ricardo Largman*
- 76 Dez Segundos de Perigo (1972) | *Por Maria Caú*
- 78 Os Implacáveis (1972) | *Por Mario Abbade*
- 83 Papillon (1973) | *Por Ricardo Cota*
- 84 Inferno na Torre (1974) | *Por Carlos Brito*
- 88 O Inimigo do Povo (1978) | *Por Daniel Schenker*
- 90 Tom Horn, o Cowboy (1980) | *Por Lucas Salgado*
- 95 Caçador Implacável (1980) | *Por Sérgio Rizzo*

- 98 Documentários Steve McQueen | *Por Luciana Costa*
- 100 Steve McQueen - O homem & Le Mans | *Por Mario Abadde*
- 103 Perseguindo Bullitt | *Por Jessica de Paula*
- 104 Procurando Steve McQueen | *Por Zeca Seabra*
- 108 Frases de Steve McQueen

- 116 Sinopses

- 126 Ficha Técnica

Steve McQueen – The King of Cool

Por *Mario Abbade*

A palavra “cool” é um adjetivo da língua inglesa que pode significar, na tradução para o português, “legal”. Mas o termo é usado em contexto informal como uma gíria para qualificar algo ou alguém como “radical”, “calmo” ou, principalmente, “descolado”. Uma pessoa “cool” é sobretudo admirada.

Todas as definições para essa palavra, porém, não conseguem explicar o porquê de Steve McQueen ter recebido o título de “King of Cool” (o “Rei do Cool”). McQueen não era o mais bonito, o mais forte, nem tinha um comportamento exemplar. Pelo contrário, tinha muitos senões, inclusive 1,77m de altura e uma aparência até comum para aos padrões de beleza apolíneos de Hollywood. O que ele tinha em doses cavalares era um estilo próprio – conseguia fazer as coisas mais mundanas do cotidiano (tomar um copo d’água, descer de um carro...) de maneira extremamente elegante. McQueen se movimentava de uma forma que transparecia uma relação muito bem resolvida com o corpo.

Apesar de demonstrar em cena uma naturalidade atroz, McQueen estudou muito para chegar a esse nível de excelência. Era um mestre na arte de seduzir: a grosso modo, quem não o desejava queria ser como ele. Esse fascínio era alimentado por sua linguagem corporal, pelos olhos azuis penetrantes, mas também por um modo de viver fora dos padrões. Ao mesmo tempo em que era o típico chefe de família e apaixonado pelos filhos, desafiava a vida nas pistas de corrida e se metia em várias enrascadas. Essa combinação entre homem responsável e bad boy, virtudes e defeitos, o fazia humano – alguém com quem a maioria podia se identificar.

Além dessas características, McQueen era extremamente competitivo, a ponto de praticamente enlouquecer os protagonistas de seus filmes de início de carreira, quando era o coadjuvante. Ele sempre arrumava um jeito de chamar a atenção, de captar o olhar do espectador, mesmo quando era o outro ator em cena que tinha as falas no momento. Também não facilitava a vida dos diretores que trabalhavam com ele.

Esse seu jeito complicado também não deixava de ser uma forma de atração, já que o público sabia de sua infância infeliz, quando foi rejeitado e sofreu abusos morais: seu pai o abandonou quando ainda era bebê, sua mãe era alcoólatra, e a rotatividade que isso trazia para sua casa incluía a presença constante de estranhos, sendo que o único padrasto que McQueen teve o agredia. Ele acabou sendo um delinquente na adolescência. Praticou delitos que resultaram num bom tempo num reformatório.

Esse início de vida conturbado remete a uma mistura de ingredientes como trauma de infância, luta entre impulsos destrutivos e a busca pelo prazer, a “teoria da sedução” que Freud primeiramente defendia e a “teoria da personalidade”. E a personalidade como uma máscara que o indivíduo desenvolve para o meio social, para enfrentar seus conflitos, internos e externos, foi algo explorado à exaustão em seus filmes.

McQueen partiu de traumas e conflitos para criar uma persona, e a vivia não só nas telas, mas principalmente em sua vida. Isso o fazia mais real, não algo produzido pela fábrica de sonhos

de Hollywood. Steve McQueen estudou com afinco o método Stanislavski (em que o ator busca internamente uma experiência própria que lhe remeta a sentimentos que pretende trazer para o papel) no Actors Studio de Nova York, mas, como era um rebelde até a medula, com ousadia e questionamento embarcou em outras escolas, como a técnica Meisner (em que o ator abandona o uso de memória afetiva e se comporta instintivamente de acordo com o ambiente ao seu redor).

Ao final, criou, digamos, sua própria “escola de atuação”: não atuar (act), mas reagir (react). McQueen reagia ao que estava acontecendo à sua volta em cena ou ao que os outros atores diziam.

Assim dispensava diálogos, contrariando roteiristas e diretores, e mostrava tudo o que pretendia por expressões faciais e linguagem corporal, o que também criava dificuldades para seus parceiros em cena, mas os obrigava a serem melhores. Tudo isso resultava em muita credibilidade e algo de realidade numa ficção, o que ajuda a explicar o porquê de ele ser uma lenda cinematográfica, imitado até hoje em seu estilo de interpretação, e o fato de que continua sendo único e detentor da coroa do Rei do Cool.



A arte do ator motociclista

Por Eriberto Leão

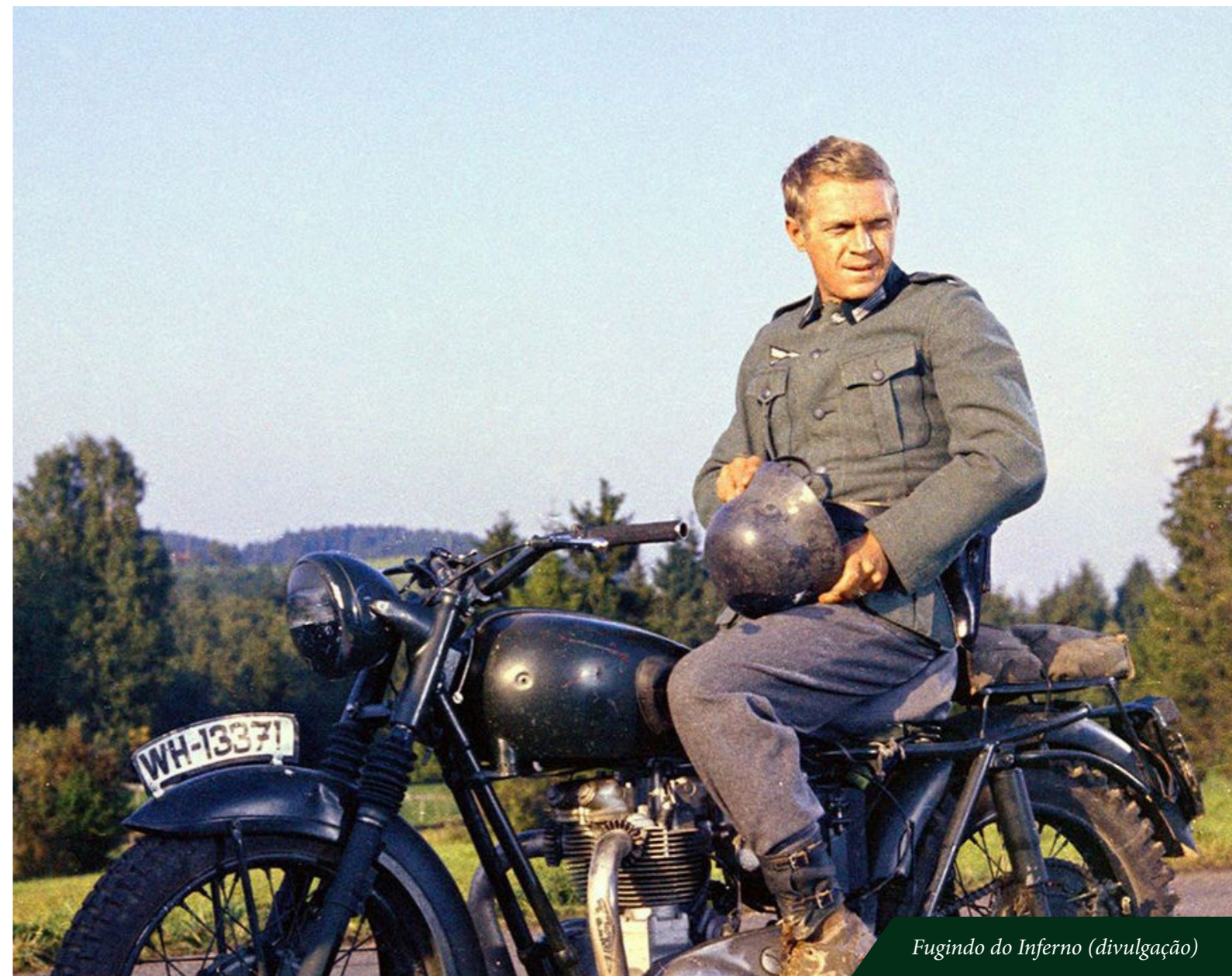
O piloto de motocicleta tem um motor potente nas mãos, pneus aderentes, freios confiáveis, habilidade e uma estrada pela frente. Mas isso não garante sua trajetória. E o sucesso não é um destino; é uma jornada.

A jornada de Steve McQueen influenciou diferentes gerações, uma após a outra, por meio de uma pilotagem ousada, mas que guardava o segredo de um novo estilo de atuar que foi construído por ele. Ele não atuava. Ele vivia, sentia, percebia. Ele respondia a estímulos mais do que os criava. Em cena, ele ouvia mais do que falava. Cortava trechos de diálogos que considerava menos importantes do que a ação que eles verbalizavam, porque era importante sentir o que eles expressavam. Agir e sentir; parar e escutar; perceber e intuir eram mais importantes e eficientes para ele – o silêncio que diz tudo.

Amante de motos, ele sabia que a arte de atuar é semelhante à de pilotar. A moto é um cavalo mecânico selvagem. Necessita equilíbrio, destreza, coragem, mas principalmente que todos os sentidos estejam abertos e atentos a tudo que se passa ao redor. Tudo que se passa ao redor é mais importante que a própria pilotagem. Só se pilota quando se é UM com o ambiente que nos cerca. Porque, em cima desse cavalo mecânico, os OUTROS são realmente mais importantes. Um buraco, um carro, outra

moto, o clima, o asfalto, um inseto, um galho que cai – tudo precisa ser percebido. Caso contrário a queda é iminente. Apenas quando piloto, a moto e o mundo ao redor se transformam em uma rede de sintonia é que tudo faz sentido e o divino assume o comando, pois se Deus é tudo e ao mesmo tempo nada, cá temos o divino e humano ator Steve McQueen. Divino e infernal ator. Pois, como escreveu o poeta inglês William Blake, “oposição é amizade verdadeira”

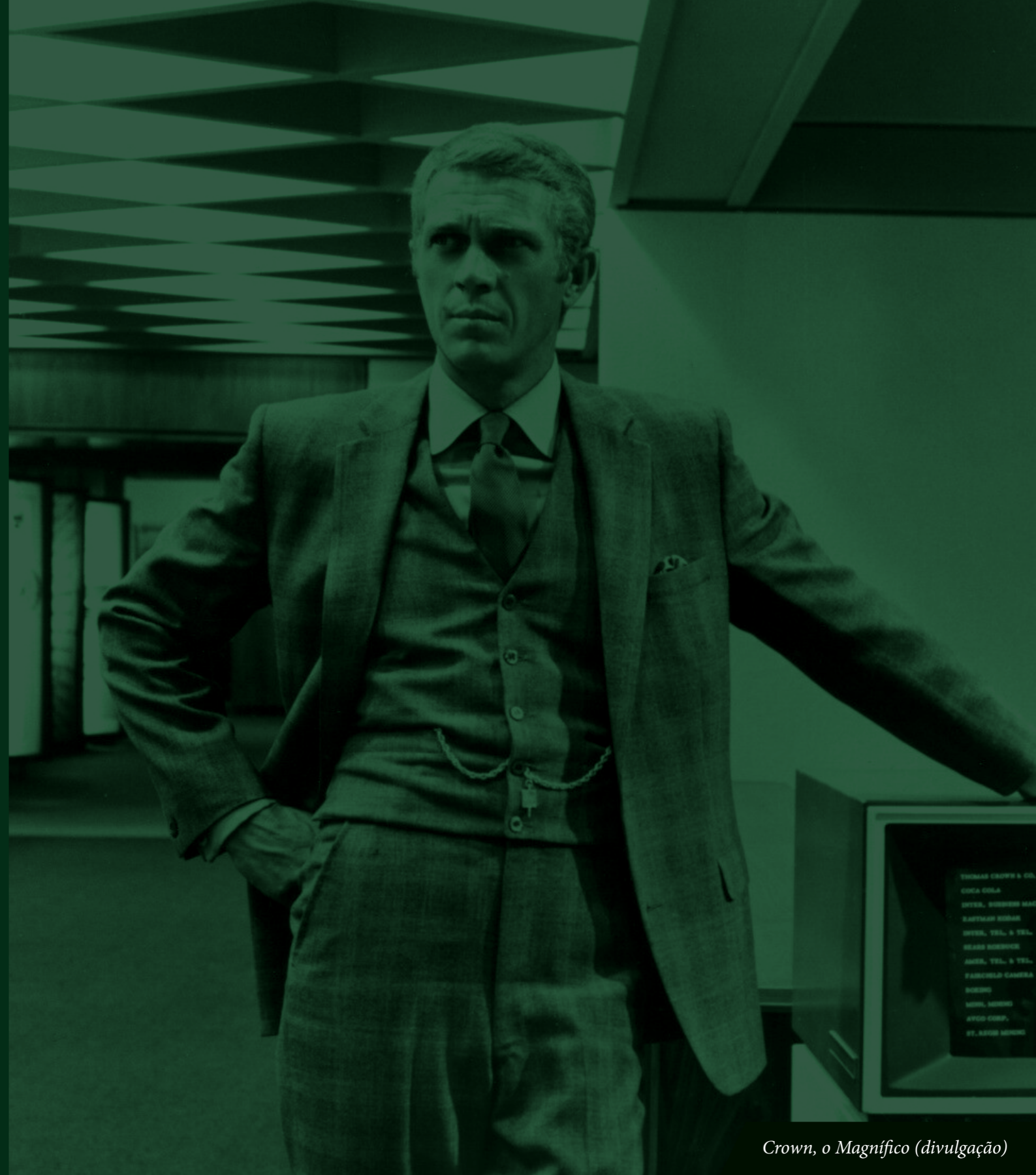
Steve era chamado de “King of Cool”, dono uma personalidade anti-heroica de onde surgem os heróis verdadeiros, representante absoluto de um método que influenciou Bruce Willis, Clint Eastwood e tantas outras lendas do cinema. Ele alcançou o status de rei em um dos períodos mais importantes da cultura americana no século XX, em que a contracultura provava que a frase acima citada de William Blake era mais que um fato. Era uma lei. Com a força “contra cultural” abraçando a sociedade e o público americano, o anti-herói McQueen surge e encanta o mundo com seu carisma e a sabedoria de que o menos sempre vai ser mais. Steve deixava as imagens conduzirem a narrativa, levando seu corpo, face, olhos, a um lugar de protagonismo absoluto. Um Rei da atuação. Eterno.



Fugindo do Inferno (divulgação)

Filmografia

A seguir, textos sobre todos os filmes com Steve McQueen.



Crown, o Magnífico (divulgação)

O surgimento de um astro em uma obra genericamente boa

Por Bruno Giacobbo

Filmes de gângsteres, especialmente aqueles passados na Grande Recessão que teve início com a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, estão no cerne da Hollywood clássica. Estas histórias mostram como nenhuma outra o lado negativo da utopia chamada “sonho americano”: mobilidade social à custa do suor e do trabalho honesto não é para todos – muitas vezes, ela só é possível com o descumprimento das leis em uma vida de crimes. Se, hoje, a produção deste tipo de filme não é tão profícua, nos anos 40 e 50, ela parecia fruto de uma azeitada linha de montagem industrial destinada a entreter milhões de pessoas. O resultado não poderia ser outro: para cada obra-prima existiam umas nove genéricas.

Adaptação do primeiro romance de Harold Robbins, “Império de gangster” (“Never love a stranger”), dirigido por Robert Stevens e lançado em 1958, é um destes trabalhos genéricos. Frankie Kane (John Drew Barrymore) e Martin Cabell (Steven McQueen) são dois amigos que se conhecem desde cedo. Filho de político, Cabell tem a chance de estudar e se formar em Direito. Humilde, Kane tem poucas oportunidades. Fascinado por um gângster local, ele se vê compelido a seguir carreira criminosa. Entre os dois, objeto do amor de Kane,

está Julie (Lita Milan). Trabalhadora, a moça almeja fazer sucesso cantando. Disto isto, é quase impossível não ver esta trama como um reflexo do clássico “Anjos de cara suja”, de Michael Curtiz, exibido 20 anos antes. Isto quer dizer que o filme em questão é ruim? Muito pelo contrário.

Mais conhecido por seus trabalhos na TV, Stevens mostra firmeza na direção extraindo o melhor de seu elenco. Destaque para um novato McQueen em sua primeira atuação creditada. O futuro astro está bem à vontade e muito disto é mérito do diretor. O mesmo ocorre com Lita Milan, atriz dotada de voz inebriante que, sei lá por qual motivo, não se tornou uma estrela. Por sinal, é ela que canta a música que leva o nome do livro e do longa-metragem (em inglês), presente na trilha sonora diegética. Logo no início, uma narração em off lembra que “a vida é o elo que liga à eternidade, o que começa tem que acabar”. Tal frase serve tanto como referência aos alijados do “sonho americano”, pois nada, nem o sofrimento, dura para sempre, como ao próprio filme, que começa e acaba com a sensação do dever cumprido, entreter milhões de pessoas e revelando o astro homenageado nesta mostra.



Império de Gangster (divulgação)

O enigma (cult) de outro mundo

Por Pablo Bazarelo

O boom da ficção científica no cinema nos anos 1950, atrelado ao “medo dos estrangeiros” provido pela Guerra Fria (então a todo vapor), trouxe do espaço todo tipo de alienígena, incluindo os amigáveis (“O dia em que a Terra parou”, 1951), mas principalmente os que tinham o intuito de nos destruir – “A guerra dos mundos” (1953) e “Vampiros de almas” (1956).

Uma das mais peculiares veio na forma de uma bolha gosmenta avermelhada, caída do céu dentro de um meteorito. Aparentemente irracional, seu único instinto é consumir tudo pela frente, assimilando organismos vivos (os humanos em especial) e cada vez mais aumentando seu tamanho. Para azar do monstro, ele foi cair justamente na pequena cidade habitada por Steve McQueen – aqui em início de carreira aos 27 anos (mas se passando por colegial), creditado como “Steven” em seu primeiro papel protagonista no cinema.

Dono de um roteiro simples, mas eficiente, e com efeitos que continuam a impressionar até hoje, “A bolha assassina” caiu no gosto popular, sendo continuamente redescoberto como obra cult por novas gerações.

Prova disso é o “Blobfest”, evento anual realizado ao longo de três dias em Phoenixville, na Pensilvânia, no qual os visitantes podem conhecer as locações

da produção, ver de perto a bolha original ainda em perfeitas condições, e até reencenar a icônica fuga histórica em massa do cinema – no mesmo Colonial Theater do filme, ainda em funcionamento. Ah, é claro, e assistir ao clássico no próprio anfiteatro.

“A bolha assassina” pode se dar ao luxo de ser o único filme de terror da carreira do consagrado Steve McQueen. Tanto que, aproveitando o sucesso de “Inferno na torre” (1974), a ficção foi relançada nos cinemas, surfando na onda dos então adorados filmes-catástrofe. Quem assinou a direção foi Irvin S. Yeaworth Jr., cineasta que morreu em 2004, especialista neste tipo de obra, tendo comandado também “Quarta dimensão” (1959) e “A volta ao mundo pré-histórico” (1960).

Assim como “O monstro do Ártico” (de 1951 – reimaginado por John Carpenter em “O enigma de outro mundo”, de 1982), “A bolha assassina” ganhou uma refilmagem (30 anos depois), dirigida por Chuck Russell (“O Máskara”), que aprimorou seus conceitos, expandindo suas ideias em um roteiro mais bem trabalhado, repleto de personagens complexos e reviravoltas desenvolvidas de forma eficiente. Além do mote, um forte elo é a produção do mesmo Jack H. Harris do original. Para ficar perfeito só faltou mesmo a participação do astro McQueen, que morreu oito anos antes...



A Bolha Assassina (divulgação)



Acervo pessoal Steve McQueen (divulgação)



Fugindo do Inferno (divulgação)

Os primeiros passos de Steve McQueen rumo ao panteão hollywoodiano

Por Ana Carolina Garcia

Segunda maior cidade do estado americano do Missouri, Saint Louis foi palco de um crime que chocou sua população em 1953: o assalto ao Southwest Bank, orquestrado por quatro homens que pretendiam levar cerca de US\$ 100 mil da instituição. O caso chegou às telas de cinema seis anos depois, por meio da United Artists, que produziu “O grande roubo de St. Louis” (“The St. Louis Bank robbery”, 1959). Também chamado de “Facínoras mascarados” no Brasil, o longa, dirigido por Charles Guggenheim e John Stix, é protagonizado por Steve McQueen, que, à época, dava seus primeiros passos rumo ao panteão hollywoodiano.

Neste longa, McQueen interpreta George Fowler, jovem cooptado a participar do roubo pelo irmão da antiga namorada, Ann (Molly McCarthy), por quem ainda é apaixonado, tendo como objetivo a realização do sonho de voltar à faculdade. O sentimento por Ann e a revelação do plano a ela colocam o casal na mira do líder do grupo, que deseja executar seu golpe sem interferência.

Roteirizado por Richard T. Heffron, o filme assume estrutura narrativa quase documental, devido à opção de recriar o passo a passo do grupo até o assalto. Isto funciona a contento, agregando valor à produção principalmente por ela ter sido rodada no próprio Southwest Bank, com participação de policiais que trabalharam no cerco ao banco. Apesar disso, o longa ganha contornos de drama sobre jovens sem

perspectiva de futuro, à medida que a história de George ganha espaço, fazendo um doloroso retrato do homem que se corrompe por não encontrar outra saída para sua situação financeira.

No entanto, o que chama a atenção neste filme é a composição de McQueen, que empresta parte de sua personalidade ao personagem. Descrito por familiares e amigos como um homem inseguro, e em busca de aprovação, que sempre lutou para concretizar seus sonhos, o ator surge em cena equilibrando força e vulnerabilidade, permitindo que o garoto ainda existente em George sobressaia em algumas sequências, sobretudo quando a situação foge ao controle.

Com bela fotografia que trabalha o contraste entre preto e branco, com ares de cinema noir, “O grande roubo de St. Louis” abriu caminho para McQueen realizar o sonho de trabalhar com John Sturges em “Sete homens e um destino” (“The magnificent seven”, 1960). E, em 2014, ganhou um remake dirigido por Sarik Andreasyan, “O último golpe” (“American heist”), estrelado por Adrien Brody e Hayden Christensen.



A primeira grande chance de Steve McQueen

Por Célio Silva

Em 1959, um ano depois do lançamento de “A bolha assassina”, seu primeiro filme como protagonista, Steve McQueen conseguia sua primeira oportunidade de mostrar ao mundo que tinha tudo para ser um grande astro do cinema.

O já consagrado Frank Sinatra decidiu chamar McQueen para atuar num pequeno papel em seu filme “Quando explodem as paixões”, dirigido por John Sturges. O longa, inspirado no livro de Tom T. Chamales, de 1957, conta a história de um grupo de militares americanos e britânicos que atuou na região de Burma e tentou formar um regimento de nativos contra os japoneses durante a Segunda Guerra Mundial.

McQueen interpreta o cabo Bill Ringa, um novaiorquino do Bronx ávido pelo combate. No filme, é possível perceber já algumas características que tornariam o ator famoso nos anos seguintes: o jeito frio e durão, além do olhar firme e decidido, que poucos astros tinham e até hoje muitos procuram imitar, sem jamais chegar ao estilo marcante de McQueen.

Embora seja mais centrado no personagem de Sinatra e nos conflitos de seu Capitão Tom Reynolds, inclusive seu romance com Carla Vesari (vvida por Gina Lollobrigida), “Quando explodem as paixões” se torna mais impactante por suas cenas

de ação. Principalmente aquelas das quais McQueen participa, mostrando que o ator tinha muita fisicalidade e convencia nos momentos em que tinha que enfrentar os inimigos, seja no corpo a corpo, seja nas cenas com muitos tiros ou explosões, muito bem orquestradas por Sturges.

Tanto que é possível perceber que, à medida que o filme avança, o Bill Ringa de McQueen (que seria originalmente vivido por Sammy Davis Jr.) ganha mais destaque até do que outros personagens interpretados por atores mais conhecidos, como Charles Bronson e Dean Jones. O que prova que McQueen pegou a chance que lhe deram e a agarrou com muito talento.

Por causa da boa impressão que causou por este trabalho, McQueen foi chamado por Frank Sinatra a participar de outros filmes estrelados por ele. Mas o ator não queria fazer parte do Rat Pack (grupo do qual fez parte Sinatra, Dean Martin, Sammy Davis Jr., Peter Lawford e Joey Bishop). Preferiu seguir em busca de seu próprio estrelato, que curiosamente chegou com o prolongamento de sua parceria com o diretor John Sturges, que o dirigiu em dois dos filmes mais marcantes do cinema até hoje: o western “Sete homens e um destino”, em 1960, e o drama de guerra “Fugindo do inferno”, em 1963. Assim surgia um grande mito do cinema.



A caminho do sucesso

Por Marcelo Janot

Refilmar uma obra-prima como “Os sete samurais” (1954), de Akira Kurosawa, não é tarefa das mais fáceis. Mas, quando lembramos que o próprio Kurosawa dizia que era influenciado pelo cinema de John Ford, fica mais fácil entender por que “Os sete samurais” acabou dando origem ao faroeste americano “Sete homens e um destino”, dirigido por John Sturges.

O filme foi feito em 1960, antes que Sergio Leone revitalizasse o gênero com seus western spaghetti. A história original é muito parecida com a de Kurosawa: em vez de sete samurais protegendo um pequeno vilarejo do Japão feudal, aqui são sete pistoleiros contratados por pobres fazendeiros mexicanos pra evitar que um vilarejo seja tomado de assalto pela violência do bandido Calvera e sua gangue. Mesmo sem a complexidade de “Os sete samurais”, “Sete homens e um destino” acabou funcionando como um divertido faroeste, e que depois até rendeu elogios do próprio Kurosawa a Sturges.

Foi, sobretudo, o filme que alavancou a carreira no cinema de Steve McQueen, que àquela altura fazia sucesso protagonizando a série de TV “Procurado: vivo ou morto”, que foi ao ar nos Estados Unidos entre 1958 e 1961. Ele contracena com um elenco do calibre de Yul Brynner, Eli Wallach, Charles Bronson, Robert Vaughn, Brad Dexter e James Coburn.

Brynner, vencedor do Oscar de melhor ator três anos antes por “O rei e eu”, era o protagonista absoluto. Mas Steve McQueen roubou a cena, às vezes recorrendo a artifícios como inserir gestos que chamassem a atenção para si quando os personagens dele e de Brynner apareciam na mesma tomada. Os bastidores da produção dão conta de que a relação dos dois se tornou insuportável. A reconciliação só teria acontecido com um telefonema de McQueen para Brynner, pouco antes de morrer, pedindo desculpas e agradecendo pelo empurrão que o filme deu em sua carreira. O curioso é que, apesar do elenco de estrelas consagradas e em ascensão, quem acabou, de certa forma, se destacando mais foi o jovem ator alemão Horst Buchholz, no papel do abusado Chico.

“Sete homens e um destino” mereceu um remake em 2016, em que o papel que foi de McQueen coube ao jovem galã de filmes de aventura Chris Pratt. Sessenta anos depois, o filme ainda é reconhecido também por seu famoso tema musical, composto por Elmer Bernstein, imortalizado numa propaganda de cigarros.



Sete Homens e um Destino (divulgação)





Uma comédia ingênua

Por Hsu Chien

“A máquina do amor” é adaptação de uma peça teatral de Lorenzo Semple Jr, “The golden fleecing”, montada na Broadway em 1959. Como pano de fundo, o texto explorava o conflito da Guerra Fria entre russos e americanos em tom de farsa.

Steve McQueen era, no momento, uma das grandes promessas de Hollywood. Ainda adolescente, surgiu no clássico filme B “A bolha assassina”, de 1958, mas chamou a atenção mesmo em 1960 quando foi lançado o western “Sete homens e um destino”, de John Sturges.

McQueen interpreta o tenente Fergie Howard. Jim Hutton é Jason Eldridge, cientista que presta serviços para a marinha e melhor amigo de Howard. Ambos estão a bordo do navio USS Elmira, usado pelo governo para fazer testes com o supercomputador MACS. O computador foi desenvolvido por Jason e é capaz de, por meio de códigos secretos, avaliar com precisão quando e aonde os mísseis da União Soviética poderão ser lançados. Howard, no entanto, tem outra missão para MACS: ele propõe a Jason que façam uso da alta tecnologia do computador para ficarem milionários, ganhando muito dinheiro nos casinos de Veneza. O Almirante Fitch (Dean Jagger) proíbe que os tripulantes usem roupas de civis em terra e joguem em casinos. Ao se hospedarem em um Hotel, Howard e Jason se envolvem com duas mulheres: Pam (Paula Prentiss), ex-namorada de Jason, e Julie (Brigid Bazlen), que entra por engano no quarto dos rapazes. Julie, na

verdade, é filha do Almirante Fitch. O Almirante intercepta o código enviado do navio e acredita ser de espões russos que estão prestes a atacar.

O filme é uma comédia ingênua bem no tom da época. Nos créditos iniciais, temos uma animação no melhor estilo “Os Jetsons”, apresentando MACS, ao som da trilha de Leigh Harline, vencedor do Oscar por “Pinóquio”.

McQueen surpreende em cenas que exigem dele, além da beleza, um humor físico e muito pastelão, algo como Ryan Reynolds faz hoje em dia. No entanto, na pré-estreia de “A máquina do amor”, McQueen ficou tão enfurecido com sua performance e com o filme que saiu durante a sessão, querendo romper o seu contrato com a MGM que ainda previa dois filmes. Ele viria a fazer poucas comédias depois disso.

Todos os cenários foram construídos nos estúdios da MGM, incluindo um cais de Veneza. A direção de arte reproduz em detalhes os interiores dos luxuosos hotéis e cassinos de Veneza. Em seu lançamento, o filme teve um sucesso razoável, pagando os seus custos e lucrando U\$ 122 mil, uma quantia considerável para a época.

McQueen, o anti-herói

Por *Leonardo Luiz Ferreira*

O diretor Don Siegel iniciou sua carreira como montador. Por meio de uma rotina de envolvimento com o mundo do cinema, ele se transformou em um realizador singular, que deveria ser mais cultuado hoje do que é de fato. Ele é o operário, o artesão clássico. Mestre da contenção imagética para criar tensão, Siegel chegou ao projeto de “O inferno é para os heróis” (“Hell is for heroes”, 1962) exatamente por suas habilidades em trabalhar com situações adversas.

Originalmente, Robert Pirosh, que coassina o roteiro, iria dirigir o longa, mas, devido à incompatibilidade com o astro Steve McQueen, isso se tornou impossível. Siegel assumiu às pressas, mas teve a prerrogativa de aproximar a história de seu universo. Dessa forma, “Hell is for heroes” tem a crueza na ação e um tom crítico à guerra bem mais acentuado.

“O inferno é para os heróis” abre em um posto de guerra avançado. É uma área de trégua, que pode ser considerada o limbo para os soldados. Estes à espera de um chamado para retornar à América. É nesse prólogo que Siegel consegue construir as relações entre os personagens principais. A guerra, o macro, continua ali, mas o foco está naqueles homens de um pelotão, o micro. As descrições são simples, mas de uma eficácia rara, como o bruto existencialista que não vê mais sentido na guerra e na vida. Papel que coube a McQueen, na figura do soldado Reese – que coloca mais um lobo solitário, com peso nos ombros, em sua galeria de personagens: “um herói no campo de batalha, mas um desastre fora dele”, como completa o capitão.

A câmera de Siegel permanece em movimento e transmite a sensação de fluxo; nem mesmo na tragédia ela está fixa, como no plongeé de um soldado abatido ao gritar em meio a sangue e vísceras. Apesar da gag visual com a caricatura de Hitler emoldurada por uma privada e do humor involuntário em algumas ações, o filme é uma descida ao inferno, como todo clássico de guerra.

O inimigo oculto, que nunca tem seu rosto revelado, está ali, numa casamata a mirar e matar. A subida ao seu encontro promove as duas melhores sequências da obra: Reese parte em uma missão suicida com mais dois homens para destruir o alvo, e, em tomadas sucintas e auxiliadas por um leitmotiv quando a mão se aproxima de uma mina, cria-se a expectativa da morte; e há a corrida desesperada do personagem de McQueen para transpor esse obstáculo mortal. Não há luz, música ou entonação patriótica no desfecho de “O inferno é para os heróis”, somente um grito, uma explosão e a continuação da guerra para além do horizonte.



O Inferno é Para os Heróis (divulgação)



Inferno na Torre (divulgação)

Nas entrelinhas da guerra

Por Francisco Russo

Desde as primeiras exibições feitas pelos irmãos Lumière, lá no fim do século XIX, o cinema busca transportar o espectador a uma realidade bem distante da sala escura, como se fosse possível vivenciar uma vida alheia. Este é um dos objetivos de “O amante da guerra”, filme dirigido por Philip Leacock que não só reverencia, mas também recria (em parte) o trabalho da Royal Air Force em plena Segunda Guerra Mundial. Não por acaso, a Força Aérea britânica recebe um agradecimento especial, logo no início do longa-metragem.

Para tanto, o diretor e sua equipe apresentam um detalhado desfile dos aviões de época usados, com direito a closes nos espirituosos nomes de batismo e aplausos de um motorista qualquer que por ali passava. Tamanha demonstração de poderio resulta numa batalha contra as forças nazistas, mesclando imagens de arquivo, muito chroma key e uma montagem ágil, que funciona a contento para a época. Tudo para ressaltar as dificuldades enfrentadas por um piloto da corporação, bem como exaltar sua bravura e ousadia.

Entretanto, engana-se quem pensa que este é um típico filme de propaganda de guerra, como tantos outros produzidos por Hollywood para mobilizar tropas e cidadãos. Se a fotografia em preto e branco remete ao 1943 no qual a história ocorre, seu lançamento em

1962 permite um olhar mais crítico acerca do evento, equilibrando reconhecimento com reveses. Por mais que não seja este seu objetivo maior, basta reparar nas entrelinhas existentes em breves comentários, soltos aqui e ali, que pontuam a “breve linha que separa um herói de um psicopata” ou que “a guerra é a negação do pensamento racional”.

O próprio protagonista interpretado por Steve McQueen é um exemplo de tal postura, a partir da desconstrução do típico herói de guerra a um homem solitário cujo único objetivo na vida é estar em batalha – neste aspecto, a representação do som da explosão das bombas como se fosse algo orgásmico é um achado! Aos poucos, o roteiro de Howard Koch entrega um interessante estudo de personagem que passa longe do clichê em sua desconstrução, mesmo precisando encaixá-lo dentro do necessário – para a época – triângulo amoroso, que sustenta (de forma tola) a segunda metade da trama.

Bem executado no aspecto técnico, “O amante da guerra” é um filme que tem bastante a dizer a quem se dispuser a observá-lo além do óbvio, especialmente devido ao caráter dúbio do personagem de Steve McQueen.





Um raro momento cômico

Por Sabrina Fidalgo

“Quanto vale um homem” é uma comédia militar lançada no ano de 1963 com a luxuosa grife de produção do grande nome da comédia hollywoodiana de então, Blake Edwards (“A Pantera Cor-de-Rosa”). “Soldier in the rain” (no original) é estrelado por Jackie Gleason e Stevie McQueen e dirigido por Ralph Nelson (famoso por filmes como “Réquiem para um lutador” de 1962, também estrelado por Gleason). O filme em si tornou-se mais conhecido por uma trágica coincidência: a fita fora lançada na mesma semana do assassinato de John F. Kennedy, fato que desviou as atenções da bilheteria e crítica para além das salas de cinema.

Aqui McQueen interpreta Eustis Clay, um sargento levemente estúpido que faz amizade com seu contemporâneo, o Sargento Maxwell Slaughter (Gleason). Eustis idolatra o colega militar na esperança de se juntar a ele na vida civil na confabulação de um projeto de empresa privada. A partir de então, a dupla forma uma amizade improvável, com Eustis Clay tentando convencer o Sargento Maxwell sobre seu projeto para além do Exército, o que culmina com os dois se envolvendo em vários esquemas e armações.

McQueen convence no papel, mas fica claro que ele parece estar mais confortável atuando nos momentos dramáticos da narrativa do que nas

cenas de comédia em si. De fato, “Quanto vale um homem” funciona melhor quando se concentra na amizade entre Eustis e Maxwell, já que a mistura entre comédia e drama quase nunca deixa a desejar. O filme não foi um fiasco, mas também não foi um grande sucesso comercial e de crítica. Todavia, “Quanto vale um homem” é uma deliciosa comédia, típica de seu tempo, mas que ainda faz rir nos dias de hoje.



Quanto Vale um Homem (divulgação)

Cantando pneu no front do virtuosismo

Por *Rodrigo Fonseca*

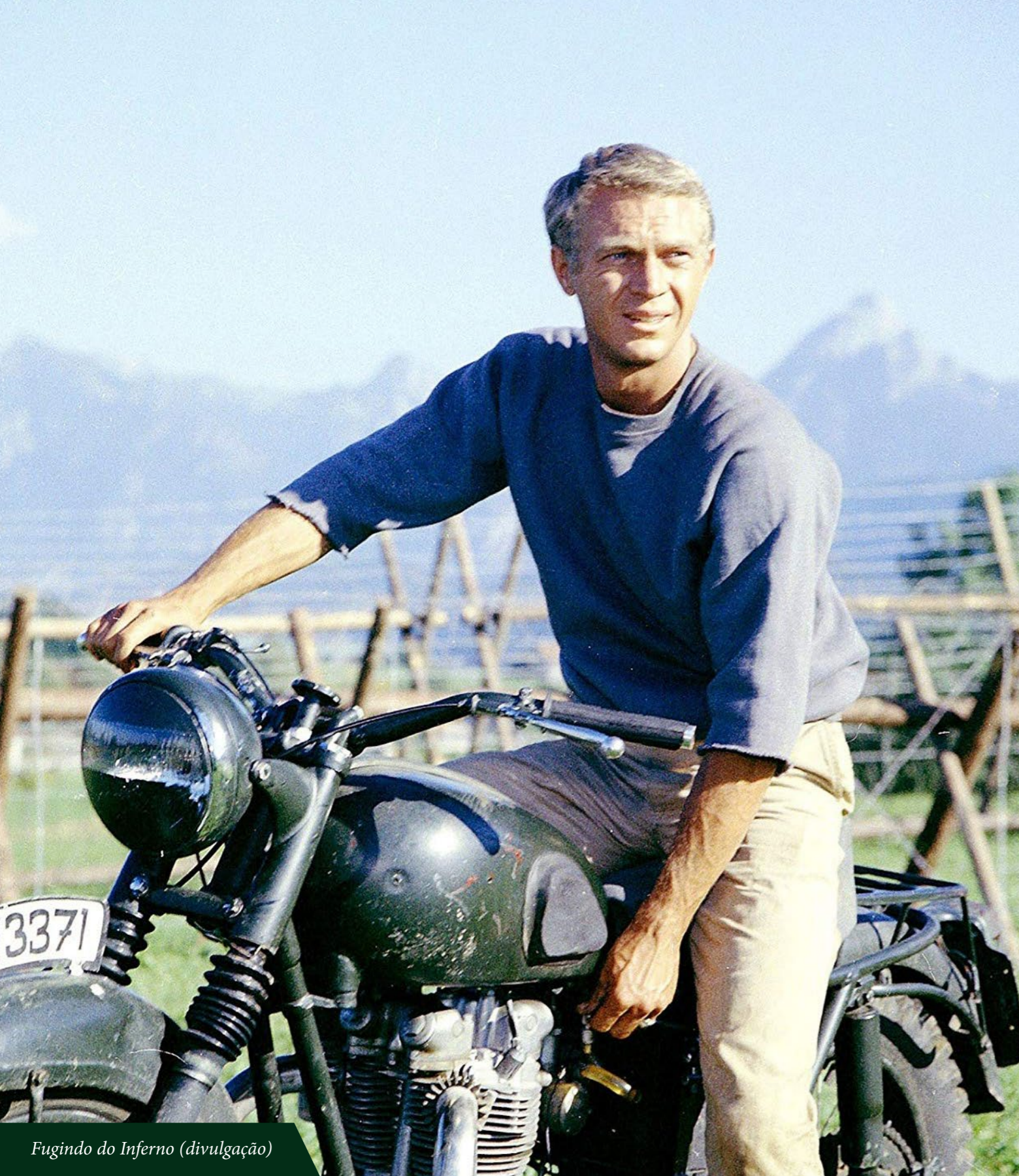
Parafraseado, parodiado, mas, sobretudo, adorado, “Fugindo do inferno” (“The great escape”) marcou época por múltiplas razões, a começar pela fortuna que arrecadou em 1963: US\$ 11 milhões. Quebrou ainda paradigmas plásticos dos filmes sobre a Segunda Guerra, pela excelência técnica orquestrada pela direção de John Elliott Sturges (1910-1992). Ele vinha glorioso de “Conspiração do silêncio” (indicado à Palma de Ouro em 1955), e estabeleceu um novo patamar para o filão “aventura bélica”.

Esse subgênero era uma mistura de épico, perseguição e investigação histórica, que utilizou a tragédia do Holocausto como argamassa para explorar feitos heroicos. Sturges depurou esse heroísmo ao atomizar o foco da ação central, uma fuga, por distintos núcleos de personagens, cada um com um astro (em ascensão) daquele período. O cineasta já havia comprovado seu domínio da cartilha do thriller ligado a questões políticas, como se viu no longa que o levou à Croisette. Mas “Sete homens e um destino”, que dirigiu em 1960, trouxe ainda mais maturidade para sua forma de representar a violência e, em especial, o silêncio que precede o estampido.

De lá, ele ainda trouxe Steve McQueen, que, aqui, assume seu mais icônico personagem, inspirado em aviadores reais: Virgil “Cooler King” Hiltz. Seu charme blasé se alinha com perfeição à figura do fã de beisebol que, detido sob o arame farpado dos nazistas, usa a picardia para irritar seus algozes. Encarado inicialmente como um coadjuvante de

luxo no longa (que tem seu protagonismo diluído), Hiltz/McQueen toma o filme para si, sobretudo na sequência da moto em alta velocidade, que tornou-se o set piece (cena icônica) do filme. Indicada ao Oscar em 1964, a montagem de Ferris Webster (1912-1989), um artífice da tensão, amplificou a fluidez (e a brutalidade gráfica) da cena de Hiltz preso nos arames, após uma corrida em direção à sua liberdade, num simbolismo de sacrifício.

Filmada na Bavária de junho e outubro de 1962, com base em um orçamento estimado em US\$ 3,8 milhões, a trama é baseada livremente em um livro homônimo de não ficção escrito pelo piloto australiano Paul Chester Jerome Brickhill (1916-1991), a partir de sua própria vivência como prisioneiro de guerra. O livro já havia sido adaptado antes, em 1951, para a TV, como um episódio do programa “The Philco Television Playhouse”, da NBC. O êxito do especial foi um dos motivos para o cinema importar o enredo de Brickhill, produzido então pela Mirisch Company e distribuído pela United Artists.





As 24 Horas de Le Mans (divulgação)



Acervo pessoal Steve McQueen (divulgação)



O Preço do Prazer (divulgação)

A desconstrução do folhetim

Por Frank Carbone

Ainda impactante quase 60 anos depois, o mote de “O preço do prazer” faria mesmo hoje um polêmico estardalhaço no circuito; sua temática ainda é raramente tratada fora do universo da telenovela, e tampouco obtém as ferramentas fornecidas, aqui, com tamanha suavidade. O diretor Robert Mulligan banca a reflexão e o debate sobre o aborto, que será cogitado entre dois jovens que mal se conhecem, mas tiveram uma noite juntos, rendendo uma indesejada gravidez – muito mais repelida por ela que por ele, o que denota um caráter transgressor do projeto, abrigando uma personagem feminina dita “à frente do seu tempo”.

A espinha dorsal do filme é extremamente focada e sucinta, não cobre nada além do novo encontro entre duas pessoas que mal se conhecem e precisam lidar com um laço inesperado. A inovação não vem apenas no tema, mas na escolha de levar uma narrativa geralmente relegada a coadjuvante em folhetins novelescos para o centro da discussão, com delicadeza e seriedade. Além de observar e promover um debate sem panfletarismo e com atenção sem julgamento, Mulligan molda seus planos como a contrapor seus protagonistas, filmando-os em posição frontal ou separando-os espacialmente, para aos poucos levar compreensão aos dilemas de dois filhos ítalo-americanos diante do futuro desconhecido.

Mulligan, um diretor reconhecidamente sutil, aqui se abre para um espaço de excessos pontuais que partem da origem familiar dos protagonistas

e do momento agudo pelo qual eles passam – em que o som nunca cessa (a multidão da abertura, os pássaros insidiosos da loja onde Angie trabalha, uma discussão ruidosa dela com os pais etc.) – para buscar no silêncio a compreensão para os eventos que os ruídos não os permitem acessar. É quando eles se veem presos numa espécie de sótão e precisam desacelerar que a situação parece enfim harmonizar.

Steve McQueen e Natalie Wood encaram com naturalidade o estado de espírito dos personagens em uma história que é tratada com acertada ausência de paternalismo para os dois lados da equação, o início de uma vida adulta rasgada pela urgência. Da crescente balbúrdia vista no plano inicial até o lado oposto da representação, “O preço do prazer” parte da crise eclodida a um estado de espírito quase introspectivo, chegando ao refinamento de embaralhar os tempos narrativos de cada sentimento desnudado por Angie e Rocky, propondo um início de história depois do “início da história”, mais precisamente no meio do olho de um furacão íntimo.



Onde o amor nem sempre vence

Por *Tatiana Trindade*

Adaptado de uma peça escrita pelo próprio roteirista, Horton Foote, “O gênio do mal” (“The rain must fall”, 1965) não foi muito assertivo em sua tradução para o português, e também não muito fiel à proposta da peça.

“The traveling lady” (peça da qual o roteiro foi adaptado) acompanha a trajetória de Georgette (Lee Remick), mãe de uma linda menina que tenta se reunir com seu marido, um condenado em liberdade condicional. Henry Thomas (McQueen) é um aspirante a músico que tem um temperamento disruptivo, violento e muitas vezes imprevisível. O roteiro, a partir do encontro entre os dois, fica confuso a respeito de qual perspectiva tomar, ainda que o foco fosse inicialmente na personagem feminina, algo determinado desde os primeiros minutos da película.

Mesmo assim, a fotografia, assinada por Ernest Laszlo, junto à competência de Robert Mulligan para extrair os melhores closes do drama, faz com que Steve McQueen cresça na trama e entregue um terceiro ato feroz, mostrando o melhor de sua atuação no longa. Da mesma forma, mas com doçura e delicadeza, Lee Remick proporciona o equilíbrio entre o amor e o ódio.

E, ainda que os personagens não tenham um background tão aprofundado, o que importa, para a história, é o que acontecerá a partir desse encontro dos dois. Com a vulnerabilidade aliada ao otimismo e ao amor que Georgette tem pela filha, todas as adversidades não parecem fazer com que ela sucumba. Nem sempre o amor parece ser forte o suficiente para salvar alguém que não quer ser salvo, mas o amor materno parece nunca fraquejar. Por conta disso, o filme é uma jornada sobre a força e contraponto entre desistir, de um lado, e não desistir, de outro, mesmo que o último seja uma decisão mais difícil.



As cartas certas em boas mãos

Por Ana Rodrigues

Eric Stoner, o Cincinnati Kid (Steve McQueen), passeia pelas ruas de Nova Orleans como uma lenda em construção. Um garoto o reconhece como o grande homem do jogo nas ruas, mas isso não basta. É no vento frio dos anos 30, em plena Depressão econômica, que o jovem jogador de pôquer vai arriscar tudo pelo sucesso num grande desafio contra o imbatível Lancey Howard (Edward G. Robinson). Em “A mesa do diabo” (“The Cincinnati Kid”), de 1965, o diretor Norman Jewison cria uma atmosfera solitária e de passagem. Os personagens estão ali para uma competição e logo vão se dispersar. Nova Orleans é a casa estilosa que receberá campeões do pôquer para um encontro de gigantes.

Adaptação do romance de Richard Jessup, a produção foi tumultuada. Spencer Tracy, escalado para fazer Lancey, desistiu antes das filmagens, e o diretor original, Sam Peckinpah, foi demitido no meio do filme e substituído por Norman Jewison, então um diretor de comédias românticas. Jewison traz uma delicadeza ao cínico e indomável perfil de Steve McQueen. Essa marca é explícita em uma cena com a namoradinha Christian (Tuesday Weld). Ela comenta sobre um filme francês a que assistiu, entusiasmada com as legendas (a referência é “Quermesse heroica”, de 1935). Charmoso, McQueen está atento à narrativa de Christian. A expectativa é quebrada. Aquele homem rude, jogador de cartas, está mesmo apaixonado por uma garota do interior.

O superelenco é completado por Karl Malden e Ann-Margret, que formam um casal associado ao personagem de Rip Torn. Todos a serviço das maquinações e do lucro com o jogo. Um elemento valioso é Joan Blondell. A atriz se empenhou na habilidade do manuseio das cartas e na construção de Lady Fingers, o que rendeu uma indicação para coadjuvante no Globo de Ouro.

As engrenagens vão se movendo para o confronto final, que começa com múltiplos jogadores e closes nos olhares e nas cartas. Mas a grande rivalidade envolve McQueen e Robinson. Eles dividem forças na tela e representam gerações do cinema. A Nova Hollywood já se estabelecia. Um rito de passagem.

O grande maestro argentino Lalo Schifrin dá ritmo ao jogo de cenas em torno de “A mesa do diabo”. O deslocamento da acentuação do ritmo jazzístico se confunde com o próprio andamento do jogo de pôquer, numa época em que Lalo e o colega italiano Ennio Morricone experimentavam combinações surpreendentes para servir à dramaturgia e marcar estilo. A canção “The Cincinnati Kid” foi eternizada na voz de Ray Charles.



A Mesa do Diabo (divulgação)

Correndo riscos

Por Luiz Fernando Gallego

Nos anos 1880, um jovem de nome Max Sands encontra sua mãe índia e seu pai branco brutalmente assassinados. O filme que narra sua juventude pertence ao subgênero “western de vingança”, e só bem mais adiante ele vai assumir o nome de Nevada Smith. O personagem já havia aparecido antes em “Os insaciáveis” (1964), passado na década de 1930. Prequels eram uma raridade absoluta nos anos 1960, tendo cabido ao roteirista John Michael Hayes – que já havia adaptado o livro “Os insaciáveis” para as telas – a construção das origens de Nevada, interpretado por Allan Ladd no filme anterior.

Steve McQueen, aos 35 anos, faz o jovem Max, ainda que o personagem comece sua cruzada contra os assassinos de seus pais sendo pouco mais que um adolescente e mestiço – mas também não importou que McQueen fosse louro com olhos claros: Allan Ladd também era do mesmo biotipo. Importava mais que conseguisse passar a imagem de um rapaz analfabeto um tanto ingênuo com algumas habilidades acrobáticas para uma cena de luta, além de sua disponibilidade para enfrentar riscos – como fica evidente numa cena em que o ator quase foi mesmo pisoteado por uma boiada. Após esta passagem, temos um “filme de prisão”, localizada em um pântano, com um pouco de romance e aventura. O ritmo e o formato original de western é retomado no desfecho.

Na verdade, o enredo é episódico, com uma espécie de prólogo em que Max é iludido pelos três homens que matam seus pais. Segue-se o trecho que trata da “formação” do rapaz como pistoleiro aos cuidados de uma espécie de pai substituto (o ator Brian Keith). Os episódios seguintes abordam o encontro de Max com cada um dos assassinos, todos interpretados por ótimos atores: Martin Landau, Arthur Kennedy e Karl Malden.

Embora o roteirista Hayes tenha escrito quatro filmes de Hitchcock, incluindo “Janela indiscreta”, há uma certa irregularidade de ritmo aqui, especialmente no trecho da prisão. Também a inserção de um padre (Raf Vallone) falando contra a vingança soa forçada, e não fica claro se a última atitude de Nevada será atribuída à misericórdia ou ao sadismo. Aliás, para a época, o filme era mais violento do que a maioria dos westerns.

Henry Hathaway chegou a assinar alguns bons westerns, mas era um artesão mediano e irregular que não dribla as inconsistências do roteiro, mas as filmagens em belas locações bem fotografadas pelo experiente Lucien Ballard e a música do veterano Alfred Newman colaboram, juntamente com o carisma de McQueen, para que os 130 minutos de duração mantenham o espectador ligado no filme.





As 24 Horas de Le Mans (divulgação)

O Canhoneiro do Yang-Tsé

Por André Gordirro

Quem diria que Steve McQueen, intérprete de personagens emblemáticos em filmes de grande apelo popular como “Sete homens e um destino” e “Bullit”, receberia apenas uma única indicação ao Oscar de melhor ator em toda a carreira. E foi justamente por “O canhoneiro do Yang-Tsé” (1966), aventura épica de guerra de Robert Wise que, pasmem, teve uma pré-produção tão complicada que obrigou o diretor a realizar um filme tapa-buraco, a pedido do estúdio. Um tal de “A noviça rebelde”...

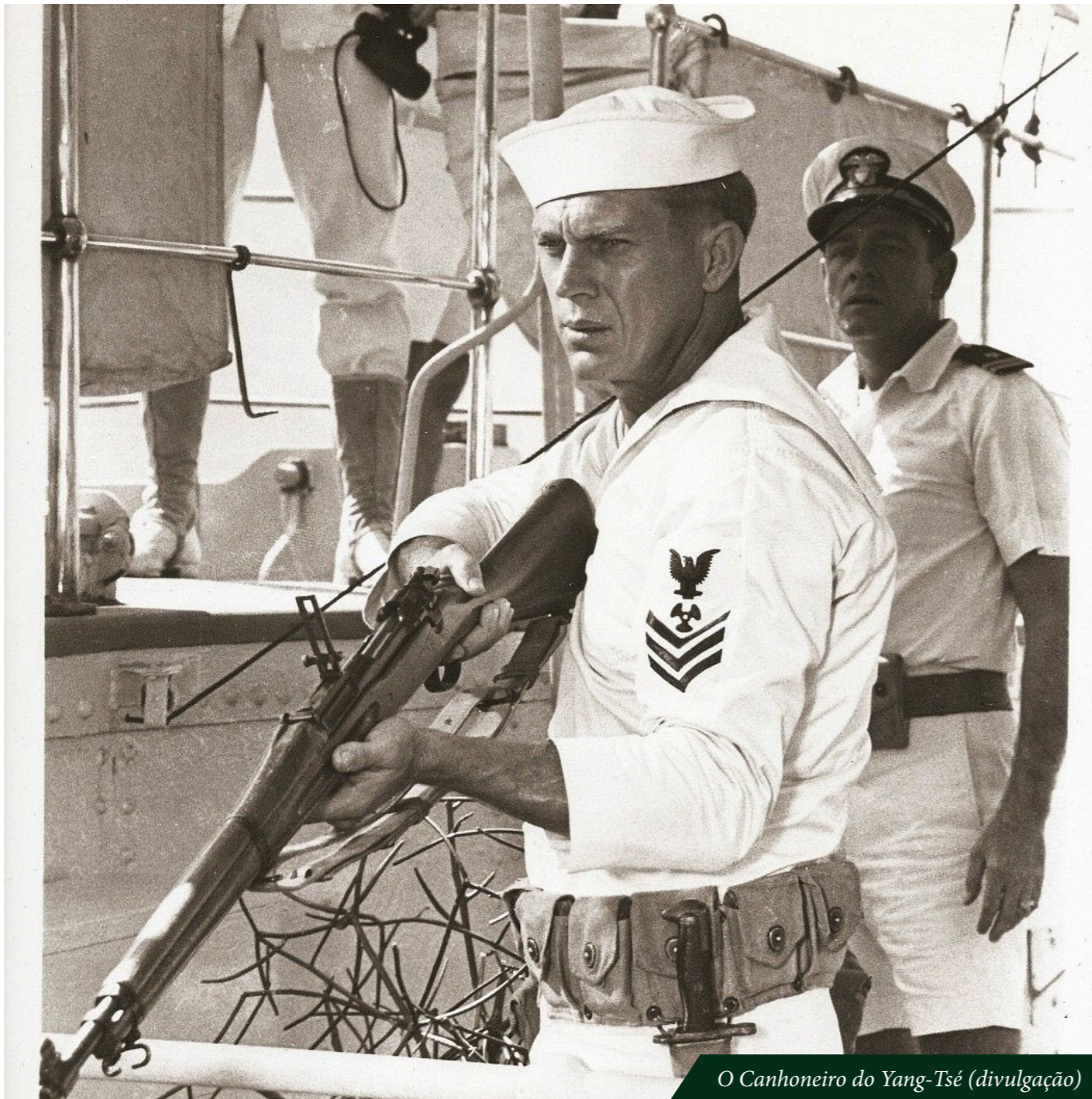
McQueen perdeu a estatueta para Paul Scofield, de “O homem que não vendeu sua alma”, mas nos brindou com uma de suas melhores interpretações, defendendo um papel difícil para um astro de personagens carismáticos: um protagonista distante e desiludido (até ser chamado à ação, é claro). Ele vive o marujo de um barco patrulha americano em missão no Rio Yang-Tsé, na China dos anos 1920. A presença do navio americano entra em conflito com um movimento chinês de revolta contra o intervencionismo internacional, e o personagem de McQueen se vê tomando partidos incômodos, enquanto vive um romance com uma missionária (Candice Bergen). Ele divide o elenco com um jovem Richard Attenborough (“Parque dos Dinossauros”), Mako (“Conan, o bárbaro”) e Richard Crenna (a trilogia Rambo), no papel do capitão do barco-patrulha.

Em termos de produção, “O canhoneiro do Yang-Tsé” adiantou em mais de uma década as agruras de uma locação exótica à mercê da natureza vividas por Francis

Ford Coppola e seu astro Martin Sheen em “Apocalypse now” (1979). Chuvas frequentes e outras dificuldades em Hong Kong quase cancelaram a produção de vez. McQueen teve um problema nos dentes e se recusou a visitar um dentista local, o que interrompeu as filmagens por semanas. E o astro ainda teve o passaporte retido pelas autoridades chinesas (tornando-se efetivamente um refém do governo chinês), por problemas envolvendo o pagamento de impostos devidos pelo estúdio.

Além do elenco, da maestria da direção de Robert Wise (que injustamente não foi indicado ao Oscar) e da bela fotografia que registra os cenários da trama, há um destaque para ouvidos atentos: Jerry Goldsmith entrega uma de suas melhores trilhas sonoras (indicada ao Oscar e derrotada pelo “A história de Elza”, de John Barry), em que explora temas de aventura na selva asiática que ele voltaria a usar 20 anos depois em sua trilha para “Rambo II — A missão”.

Em pleno momento de desconfiança e repúdio à Guerra do Vietnã, “O canhoneiro do Yang-Tsé” chegou às telas dos cinemas americanos abordando temas em voga no efervescente cenário de protestos dos anos 1960, como o colonialismo, o racismo e a exploração da mulher. Um filme sempre atual, infelizmente.



O Canhoneiro do Yang-Tsé (divulgação)

A arte da sedução

Por Susana Schild



Crown, o Magnífico (divulgação)

Nos idos de 1968, sedução era assunto sério, pelo menos nas telas do cinema. E, quanto mais lento o processo e quanto mais tenso (ou intenso) e mais imprevisível o desfecho, melhor. Uma das cenas que entraram para a antologia de xeque-mate no assunto ocupa cerca de seis minutos de “Crown, o magnífico (“The Thomas Crown affair”), que mostra Steve McQueen no auge de seus atributos como galã dos anos 60, 70. E que atributos seriam esses? Para começar, o que os americanos definem como “cool”, adjetivo que vale tanto como “legal” ou “frio”, no sentido de quem não entrega o jogo de pôquer, não treme na hora de apertar o gatilho, não vacila diante do inimigo, sabe controlar o volante em corridas automobilísticas e, principalmente, não se derrete à toa ou escorrega em armadilhas românticas, nem que do outro lado da mesa – literalmente – estivesse um dos símbolos sexuais, como Faye Dunaway.

Em “Crown, o Magnífico”, o embate se passa em campos opostos de um jogo de xadrez. Ao fundo, arde o fogo da lareira, simbologia amena para o confronto entre um milionário que se diverte com roubos a banco e uma agente de seguros disposta a correr atrás do prejuízo. Pois bem. A movimentação das peças do tabuleiro, entrecortada por suaves passadas de dedo da mocinha pelo generoso decote, entre outros golpes baixos, e voluptuosa troca de olhares, leva à vitória do desejo reprimido. Um longo beijo sela o fim da partida, com importante ressalva: apesar de poderoso, Crown não forçou a barra da defesa feminina.

Mesmo um desavisado espectador do século XXI deverá reverenciar o charme do casal. Enquanto Faye Dunaway continua viva e eventualmente em ação, McQueen deixou a cena há quatro décadas, aos 50 anos. Indicado ao Oscar apenas uma vez, por “O canhoneiro do Yang-Tsé” (1966, Robert Wise), e principalmente célebre por papéis que envolviam ação e virilidade, neste filme dirigido pelo veterano Norman Jewison (“Feitiço da Lua”, “Um violonista no telhado”) Steve McQueen revelou a essência do seu lado “cool”, dedicado a conseguir o máximo com um mínimo de desgaste.

Talvez muito estiloso para os dias atuais, “Crown, o Magnífico” inovava ao dividir a tela para relatar cenas de preparação do roubo. E marcou época não só com a jogada de mestre do ator para conquistar a adversária, mas com “The windmills of your mind”, Oscar de melhor música original composta por Michel Legrand.

A história foi refilmada em 1999 com Rene Russo e Pierce Brosnan, que atingia, no máximo, metade do charme do galã da fita original.



O nascimento do filme policial moderno

Por *Mario Abbade*

Em 1968, Steve McQueen era o ator mais conhecido e mais bem pago do mundo. Com todo esse poder, ele resolveu tomar conta de sua carreira 100%, produzindo seus filmes. Naquela época, McQueen percebeu que quem mandava de verdade em Hollywood eram os produtores ligados aos estúdios. Como queria ter total controle sobre os seus projetos, criou a Solar para produzir, e o primeiro projeto foi “Bullitt”, um filme policial que é também um western contemporâneo.

O longa apresenta o detetive da polícia de São Francisco Bullitt (McQueen), que é designado para proteger uma testemunha importante em um processo judicial destinado a derrubar um sindicato do crime. Após uma estranha reviravolta, a testemunha é baleada e levada ao hospital. Quando ela morre na mesa de cirurgia, Bullitt decide esconder o corpo e manter a morte em segredo até que possa pegar o assassino e descobrir o que realmente está acontecendo.

Com McQueen dando as cartas, sua primeira providência foi contratar o cineasta britânico Peter Yates, em seu primeiro filme americano. Ele vinha do sucesso no Reino Unido “Os 26 do Expresso Postal” (Robbery, 1967). McQueen queria Yates porque ele tinha filmado uma perseguição eletrizante em “Robbery”. Em

“Bullitt”, a perseguição, pensada por McQueen e orquestrada por Yates, entraria para a história do cinema e seria um divisor de águas na maneira de se capturar esse tipo de sequência. A perseguição nem estava no roteiro original de “Bullitt”, mas McQueen sabia exatamente o que queria (ele e os dublês Bud Ekins e Bill Hickman pilotaram os carros). Ela foi incorporada, e pela primeira vez os carros (um 1968 Ford Mustang 390 GT 2+2 Fastback e um 1968 Dodge Charger 440 Magnum) seriam registrados em velocidade real (177km/h) e não se usaria o recurso de acelerar o filme. Os dez minutos e 53 segundos que duram a cena resultaram no Oscar de melhor edição para Frank P. Keller.

Essa busca pela realidade está presente em todos os elementos de “Bullitt”: locações reais e interpretação a mais realista possível, além de na figuração terem sido usadas pessoas que trabalhavam nos locais filmados. O roteiro segue o formato europeu, especialmente a nouvelle vague francesa e o neorealismo italiano, nessa busca pelo real. Isso acabou se tornando até uma polêmica boa para o filme: enquanto certos especialistas americanos acharam a trama sem sentido, outros enalteciam o fato de um filme de ação americano ter um quê de arte europeia.

Corroborando essa escolha, Yates investiu numa linguagem em que menos é mais. Ele usa lentes de longo alcance (90 a 300mm) em certos momentos para estar no meio da ação e ao mesmo tempo dar um ar de distanciamento, como também uma câmera Arriflex leve, para usar na mão. Isso tudo aliado a um jogo de sombras e luz e à trilha sonora de Lalo Schifrin.

Yates também abusou dos reflexos para abordar as personalidades dos personagens, principalmente a figura icônica de McQueen,

que dispensou vários diálogos para dizer tudo por meio dos olhos, do corpo e de expressões (ele se inspirou no inspetor de homicídios de São Francisco Dave Toschi, que ficou conhecido por seu trabalho sobre os famosos assassinatos do Zodíaco). O resultado é que “Bullitt” representa o nascimento do filme policial moderno.



Bullitt (divulgação)

Meninos e adultos

Por Gilberto Silva Jr.

Imagens de automóveis representam figuras icônicas para a construção do mito Steve McQueen. Situado entre “Bullitt” (1968), com sua seminal sequência de perseguição, e “As 24 Horas de Le Mans” (1971), em que o astro sublima sua paixão pela velocidade, temos “Os rebeldes” como um filme atípico para a carreira de McQueen, então no ápice de sua popularidade. Seja por sua leveza como uma comédia dramática sobre amadurecimento, seja por sua origem como adaptação literária, cuja fonte é o último romance publicado por William Faulkner, essa segunda direção de Mark Rydell pode ser encarada com estranhamento enquanto veículo para o astro. No entanto, a presença de um automóvel como disparador da trama confere a “Os rebeldes” o elo que a princípio parecia ausente.

Passado no início do século XX, no filme temos um vistoso calhambeque amarelo, o primeiro a chegar à cidade rural do Mississippi onde residem os personagens. O anúncio da presença do veículo faz Boon, personagem vivido por McQueen, sair em êxtase de sua casa, colhendo um maço de flores, que é colocado no carro, com a devoção de quem entrega um buquê à mulher amada. Boon, entretanto, não é a figura central do roteiro, sendo este Lucius (Mitch Vogel), um garoto de 11 anos, nem o dono do automóvel, que pertence ao avô do rapazote.

As cenas que acompanham os créditos iniciais retratam imagens idílicas de crianças brancas e negras brincando numa harmonia impensável para a época e região onde se passa “Os rebeldes”. À medida que o filme se desenvolve, a ausência da família faz com que Boon convença Lucius a eles pegarem escondido o carro para uma breve viagem que, segundo o mais velho, seria um rito na transformação do garoto num homem adulto.

A jornada envolve uma série de clichês associados a uma suposta masculinidade, como carros, brigas, bordéis ou competições. Lucius vai tomando contato com uma realidade machista e racista à sua volta, o que nos faz perceber que a sequência inicial seria uma projeção da inocência até então vivida pelo menino.

A dupla é acompanhada por Ned, um personagem negro que foge aos estereótipos do cinema de então, vivido brilhantemente pelo ator Rupert Crosse. Salta aos olhos, no entanto, que é Lucius quem de fato se comporta como o mais adulto e sensato ao longo da trama. Boon e Ned agem como dois adolescentes imaturos a maior parte do tempo, encarnando uma dupla tragicômica, que confere carisma a um filme envolvente, apesar do ritmo irregular e do sentimentalismo exacerbado de algumas sequências.





Acervo pessoal Steve McQueen (divulgação)

Sonho de campeão

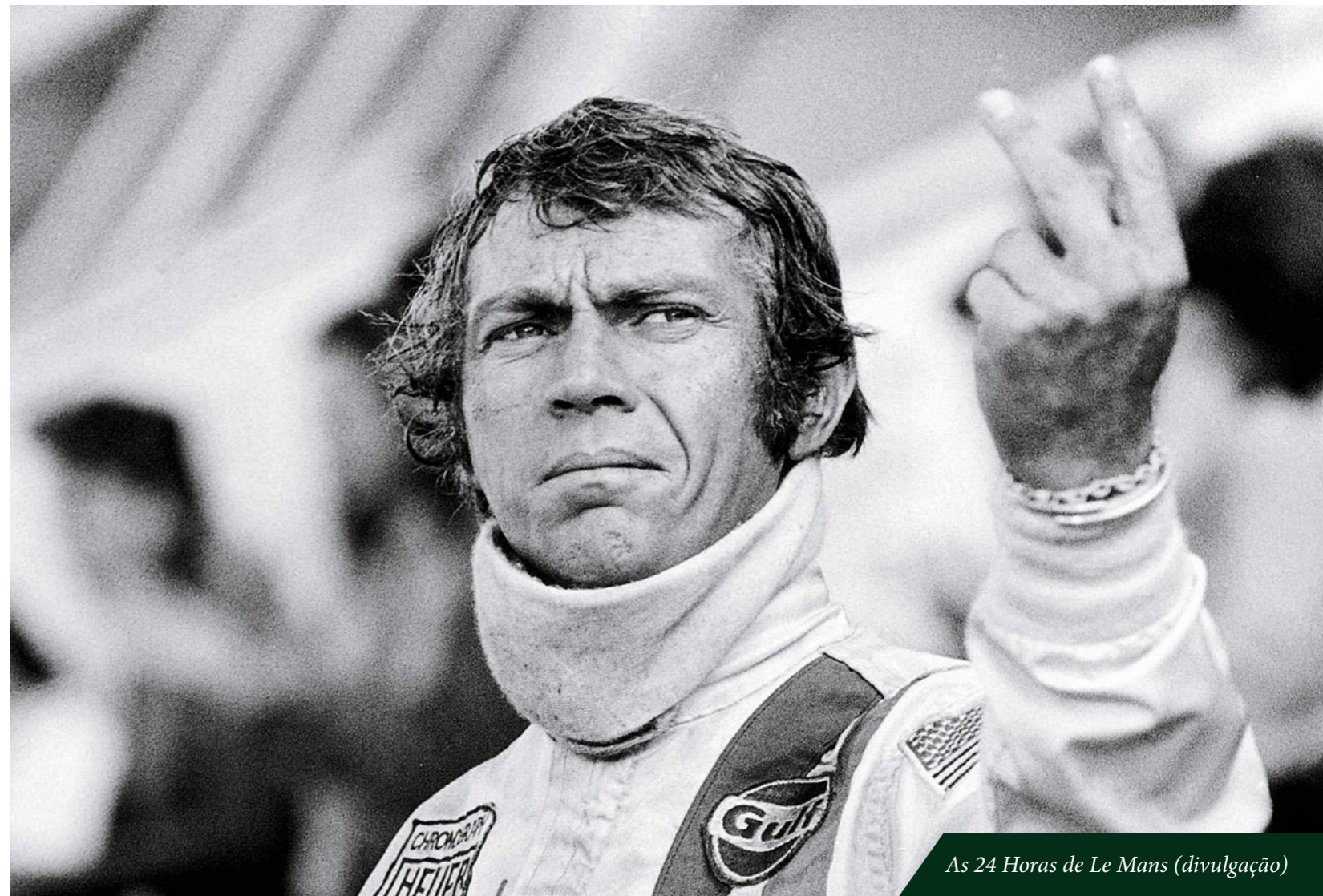
Por Ricardo Largman

Nem sempre é preciso chegar em primeiro lugar para ser campeão. É o que tentou provar Steve McQueen com “As 24 Horas de Le Mans”, de 1971 — seu ruidoso, intimista e assumidamente apaixonado tributo ao automobilismo esportivo. Alçado ao Olimpo holywoodiano pelo sucesso de “Sete homens e um destino”, “Crown, o magnífico” e, especialmente, “Bullitt”, McQueen — à época, o ator mais bem pago do cinema — era definido pela mídia como “o Rei do Cool”. Seus olhos claros e o olhar fixo marcavam o semblante singular, idolatrado pelos fãs: uma virilidade rude misturada a interpretações sofisticadas que, muitas vezes, beiravam o lirismo.

Mas todo esse sucesso não era — e nunca foi — o bastante. McQueen sempre quis mais, ir além do trivial. Depois de seis anos de estudos e muita negociação, veio a decisão de transformar sua notória paixão pela velocidade num épico cinematográfico. Não foi fácil. Protagonista e também produtor de “Le Mans”, ele teve de enfrentar uma complicada troca de diretores, o orçamento altíssimo e estourado (de US\$ 6 milhões) e, pior, um roteiro inacabado mesmo depois do último dia de produção. Não bastasse, filmagens de enorme risco fizeram com que um dublê perdesse a perna e ele, McQueen, no papel de um piloto controverso, quase perdesse a vida. Por duas vezes.

A combinação de uma narrativa pontuada por parcimoniosos diálogos, sob medida para o ator, com a altíssima adrenalina sob a carenagem das máquinas foi recebida sem grande entusiasmo pela imprensa especializada; para alguns críticos, o filme determinou o início do declínio da carreira do astro. Pouco tempo após sua estreia, contudo, já era considerado uma ode visual inigualável àquela que até hoje é considerada a mais emocionante, perigosa e desgastante competição automobilística do mundo.

Faz todo sentido. A determinação de McQueen de reproduzir a atmosfera da corrida, dentro e fora da pista, está presente em cada fotograma. Há planos memoráveis, de ângulos improváveis, além de sequências espetaculares de acidentes em câmera lenta — que efeitos de CGI ainda não conseguem copiar. As imagens “falam” pelo protagonista e descrevem, com apuro técnico e alguma dramaticidade, a rivalidade entre as duas maiores escuderias da categoria, Porsche e Ferrari. Se o resultado foi favorável para uma ou outra, pouco importa. Quase meio século depois de sua estreia, “Le Mans” prova que, mesmo sem a conquista do degrau mais alto do pódio, o que vale para o verdadeiro campeão é, em primeiro lugar, a realização do sonho.



As 24 Horas de Le Mans (divulgação)

Rodeio e melancolia

Por Maria Caú

Os pilares sobre os quais a inusitada construção de “Dez Segundos de Perigo” (“Junior Bonner”) se ergue parecem particularmente dissonantes: rodeio e melancolia. O ambiente das tradicionais competições de caubóis do Arizona, dominadas pela histeria das exhibições de força e destreza no embate entre homens e animais, não parece o mais propício para uma narrativa que envolve o protagonista em uma aura de melancolia tão densa quanto inquebrantável. Se o Junior Bonner de Steve McQueen é um ex-campeão de rodeios determinado a montar (e subjugar) o touro invencível que o havia derrubado pouco antes, ele retorna ao vilarejo e à família que abandonara para encontrar um ambiente em ruínas – as primeiras literais, quando testemunha e tenta impedir a demolição da casa do pai. O elemento que guia a narrativa, no entanto, não é a obstinação de Bonner, mas a sua completa cegueira para o caráter moribundo daquele cenário, o que faz com que a impassibilidade do personagem, acentuada pela atuação de McQueen, pareça não um traço quicá admirável de caráter, mas um reiterado erro de julgamento, uma incapacidade crônica e autodestrutiva de adaptação ou amadurecimento. Bonner não é exatamente herói nem anti-herói, é um homem incapaz de processar a reordenação do mundo em que cresceu.

A tensão entre o universo dos rodeios como demonstrações de um ideal de masculinidade arcaico e a impossibilidade de um futuro distinto para Bonner, que se recusa a se reconectar ao mundo, e vive em fuga travestida de errância exploratória, se faz constante ao longo da narrativa. Em alguns momentos, o caráter absolutamente farsesco do universo retratado ganha um viés cômico, como na sequência em que uma briga completamente absurda irrompe numa espécie de saloon, apenas para ser interrompida pelo hino nacional.

A inteligência da direção de Sam Peckinpah é a capacidade de semidisfarçar a melancolia da trajetória circular e cambaleante de um homem com os adereços de uma história de superação esportiva. “Você tinha que ganhar, não tinha?”, pergunta a mãe de Bonner, uma mesmerizante Ida Lupino. E ele tinha que vencer, uma vitória turrona e absolutamente sem sentido transformador – e o diretor assim a constrói, quase sem tensão. Se ele torra o dinheiro que recebe, ou se conquista uma moça para depois descartá-la, é porque não sabe viver fora desse estado de deriva. Eis a melancolia do caubói num mundo que, como ele, envelhece rápido.



Um filme de ação que é uma DR

Por *Mario Abbade*

Depois de quase perder tudo no obsessivo e descabido “As 24 horas de Le Mans” (1971), Steve McQueen precisava desesperadamente de um sucesso. Ele acabou conseguindo os direitos do livro niilista “The getaway”, de Jim Thompson, e convidou Sam Peckinpah, outro que também não tinha um sucesso desde “Meu ódio será tua herança” (The wild bunch, 1969), para tocar o projeto. Os dois já se conheciam porque tinham acabado de trabalhar juntos em “Dez segundos de perigo” (Junior Bonner, 1972), que tinha agradado a crítica, mas foi recebido com indiferença pelo público.

“Os implacáveis” conta basicamente a história de Doc McCoy, um ex-presidiário recém-libertado que, depois que um assalto dá errado, foge com sua mulher, Carol (Ali MacGraw). Contar mais seria estragar as surpresas do roteiro azeitado escrito por Walter Hill (“48 horas”, “Ruas de fogo”), que foi contratado por McQueen para mudar várias coisas do script de Thompson. Steve McQueen também não aceitou o compositor Jerry Fielding, que costumava trabalhar com Peckinpah, e chamou Quincy Jones para compor a eufórica trilha sonora. Peckinpah aceitou a contragosto porque sabia que, quando McQueen, que era um controlador (ele tinha direito ao corte final), focava num objetivo,

nada o tirava do caminho.

Apesar do controle de McQueen, “Os implacáveis” é um filme que tem todas as assinaturas da linguagem de Peckinpah: a câmera lenta para inserir um elemento dramático na ação, rimas visuais, alegorias, sofisticado uso do som, montagem, imagens sem ordem cronológica e outras acontecendo na mente do protagonista numa brincadeira entre o lúdico e o real, entre outros maneirismos. Esse último recurso era o casamento perfeito para o estilo de interpretação de McQueen, que dizia tudo pelos olhares e pela maneira de se mover. Ele faz no filme uma homenagem à atuação de Humphrey Bogart em “Seu último refúgio” (“High Sierra”, de Raoul Walsh, 1941).

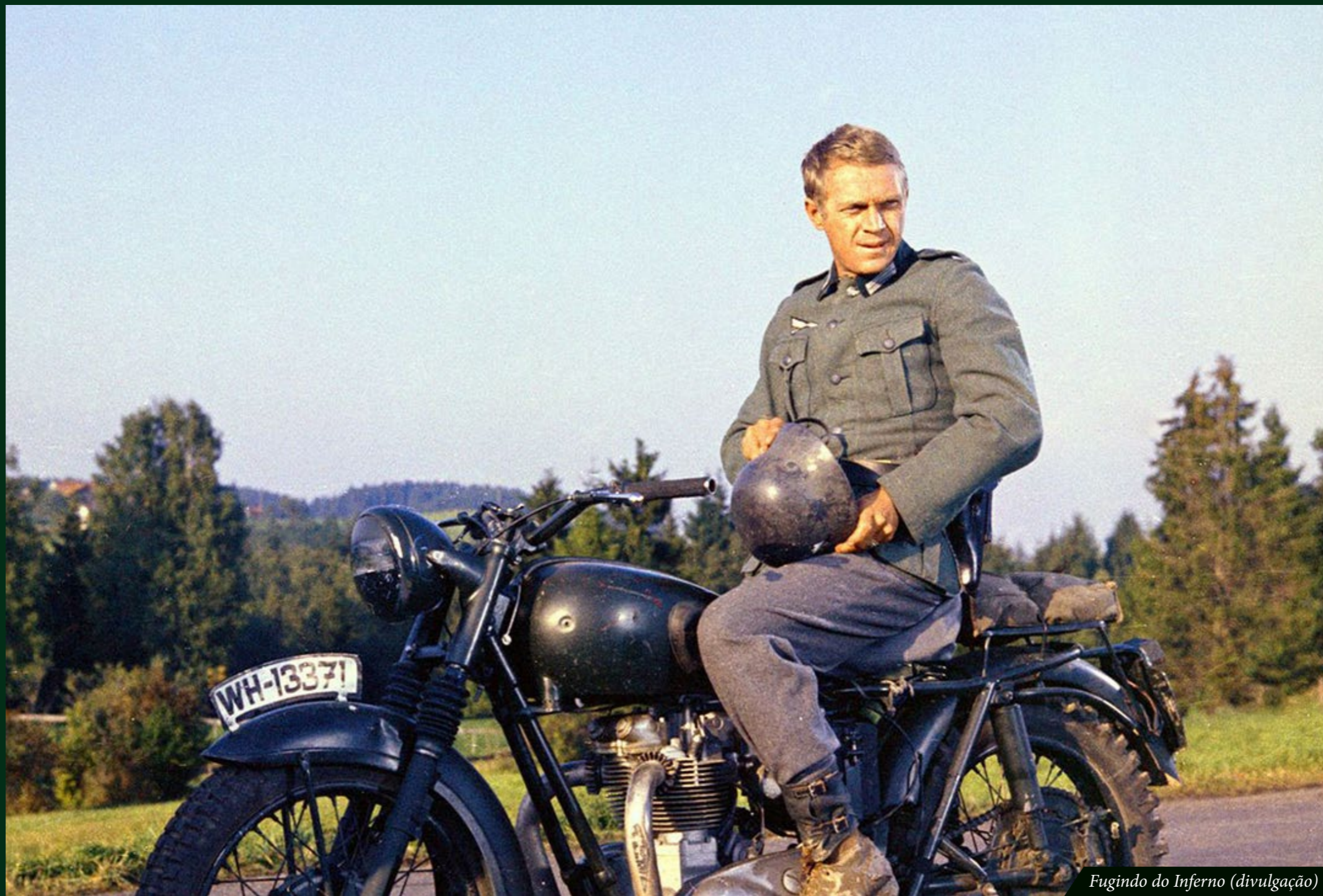
O que torna “Os implacáveis” um filme inesquecível é que, apesar do assalto e da ação, o longa é uma “DR” (discussão de relacionamento) de duas horas de um casal em que amor, tesão, raiva e desconfiança estão sempre à flor da pele. É basicamente uma subversão da comédia romântica para um filme de ação romântico, sobre a relação entre duas pessoas em que há muita paixão e carinho, alternando com abusos e agressividade.

A jornada de Doc e Carol passa por todos os estágios até chegar ao lixo, para voltar aos trilhos. Ao mesmo tempo, há um paralelo interessante com o esdrúxulo casal Rudy (Al Lettieri) e Fran (Sally Struthers). Nesse quesito, sobre relacionamentos, o roteiro ainda pontuava uma pequena mudança do papel da mulher na sociedade. Apesar de Carol se sacrificar e fazer praticamente tudo que seu homem manda, ela acaba o enfrentando, algo considerado impensável na época. E, como McQueen e MacGraw

iniciaram um tórrido romance durante as filmagens que resultou em casamento, tudo se tornou muito mais crível.

“Os implacáveis” foi abraçado pelo público e se tornou um grande sucesso, apesar de parte da crítica não ter se empolgado. O filme reforçou o que todos já sabiam: McQueen continuava sendo “The King of Cool”.





Fugindo do Inferno (divulgação)

O rei do cool na Ilha do Diabo

Por Ricardo Cota

Sobre “Papillon” há muitas histórias de bastidor. Histórias que ao longo do tempo ganharam tanto interesse quanto o filme em si, incensado pela crítica e, de forma injusta, esnobado pelo público. Talvez devido ao tema, inspirado na barra-pesada vivida pelo ex-militar da marinha francesa Henri Charrière, condenado à prisão perpétua em 1930 e que cinco anos depois escapou de forma espetacular da notória Ilha do Diabo, na Guiana Francesa. Não é um filme com a cara do “Rei do Cool”, embora seja, com justiça, considerada sua última grande interpretação.

Best-seller mundial, “Papillon”, o livro, é na verdade mais um golpe de Charrière. O verdadeiro autor foi outro companheiro de agruras do cárcere, René Belbenoît, que morreu na nossa Roraima. Mas essa é outra história. O certo é que o filme parecia cair como luva nas talentosas mãos do grande roteirista Dalton Trumbo, ele mesmo vítima de um período injusto na cadeia por conta da perseguição macarthista. Trumbo, no entanto, recebeu diagnóstico de câncer e o roteiro foi terminado por seu filho, sem agradar muito produtores, atores e diretor.

Outro caso de bastidor conta que Dustin Hoffman teria ficado uma arara por receber um cachê menor do que o de McQueen. A diferença, acreditem, seriam 750 dólares. O clima de disputa entre os dois entra na galeria da mística competitiva do astro da nossa mostra, que já

disputara as atenções com Yul Brynner em “Sete homens e um destino” e logo depois de “Papillon” enfrentaria sua famosa altercação com Paul Newman, nas filmagens de “Inferno na torre”.

“Papillon” é um dos melhores exemplares do cinema de boa parte dos anos 70. Um cinema de grandes histórias, belas paisagens e heróis maiores do que a própria vida. Franklin James Schaffner, que já explodira com a naturalista science-fiction “O planeta dos macacos” e levara para a prateleira um Oscar por “Patton”, aprimorou um estilo gramatical ritmado na alternância entre closes e grandes planos, sem escorregar numa estética que naufragaria em puro kitsch. Como em filmes anteriores, recorreu à trilha do parceiro Jerry Godsmith para garantir a elegância do produto final, que se tornou mais um clássico arranhado por um desnecessário remake.

O clima tenso das filmagens, com disputa entre atores, instáveis condições meteorológicas, inúmeros figurantes e roteiro remendado, foi salvo graças a uma das matérias-primas da Guiana, a cannabis, que, assim como a birita, rolou solta em noitadas de efeito paradoxal. Ao mesmo tempo em que os aditivos apaziguaram os ânimos, o reverso foi tornar tudo um pouco mais lento e atrasar a agenda. Mesmo assim “Papillon” decolou.

Um ego inflamável e um edifício em chamas

Por Carlos Brito

Em 1973, o produtor Irwin Allen estava irritado – muito irritado. Ele havia perdido para a Warner Brothers a chance de comprar os direitos de adaptação de “The tower”, romance de Richard Martin Stern que descrevia o incêndio em um gigantesco arranha-céu.

Com faro apurado para filmes-catástrofe e prováveis sucessos de bilheteria, o produtor solucionou o problema ao adquirir a prioridade sobre os direitos de “The glass inferno”, livro de conteúdo muito semelhante, escrito por Thomas N. Scortia e Frank M. Robinson. Era a salvação da 20th Century Fox.

No entanto, Allen – que um ano antes havia produzido o sucesso “O destino do Poseidon” – sabia que dois filmes com tramas tão semelhantes canibalizariam um ao outro. Com esse argumento, ele convenceu os dois estúdios a unirem forças na produção de um único longa com elementos dos dois livros – nascia “Inferno na torre”.

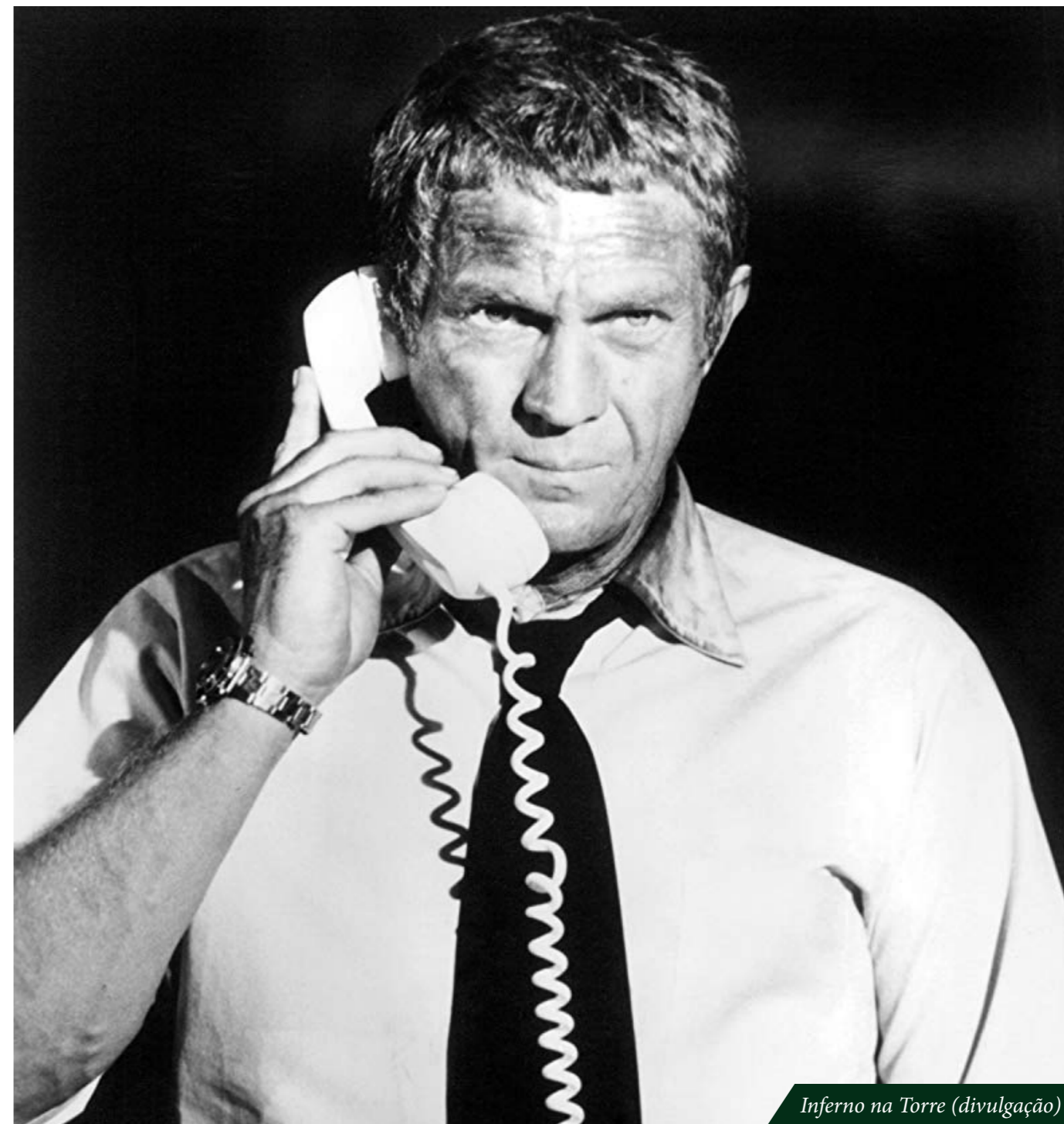
Sabia-se do alto investimento necessário para contar a história do incêndio que destruiria o edifício Glass Tower. No entanto, Allen estava consciente de que aquele filme dependia de um fator ainda mais primordial: um elenco poderoso. E, àquela altura, nada seria mais poderoso que ter Steve McQueen e Paul Newman nos papéis principais. Porém, a presença de ambos na produção poderia ser uma bênção e um problema – graças, sobretudo, a McQueen.

Competitivo ao extremo, ele estava determinado a superar Newman como principal figura masculina da trama. Uma obsessão que começou quase 20 anos antes, quando McQueen interpretou um papel pequeno e não creditado em “Marcados pela sarjeta” – naquela ocasião, Newman era o grande astro.

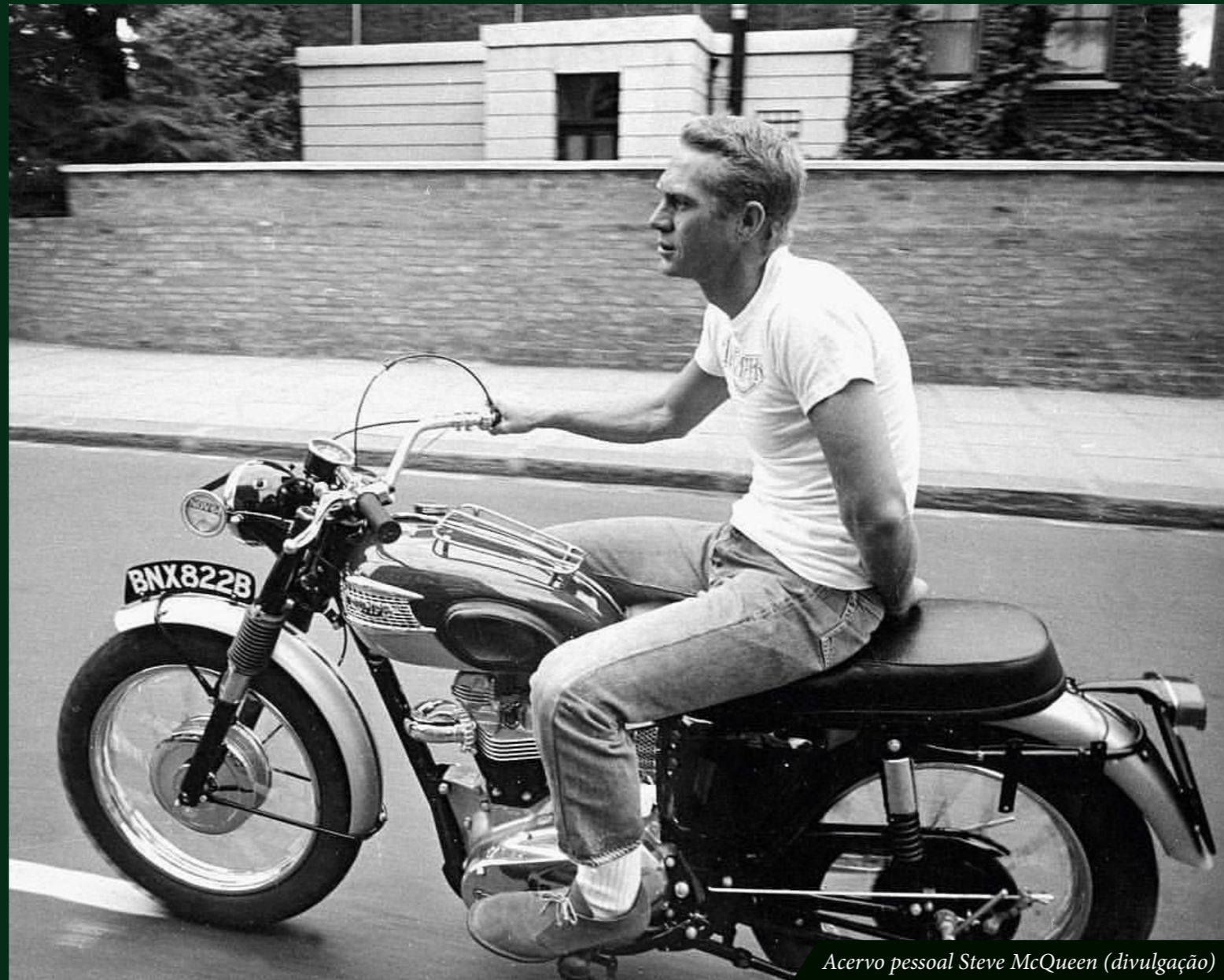
Para garantir que seu personagem – o chefe dos bombeiros Michael O’Halloran – teria tanto peso quanto o arquiteto interpretado por Newman, McQueen exigiu que os dois tivessem o mesmo número de falas – situação que obrigou o roteirista Stirling Silliphant a voltar às pressas das férias nas Bahamas para escrever 12 frases adicionais.

As rugas de McQueen, no entanto, terminaram aí – ele e Newman trabalharam de forma harmoniosa durante as filmagens e, apesar de seu ego inflamável, o incêndio do filme ficou restrito às páginas do roteiro.

Dirigido por John Guillermin, “Inferno na torre” arrecadou US\$ 200 milhões, transformando-se em um sucesso de bilheteria e na chance há muito ansiada por McQueen de se colocar ombro a ombro com Newman. Foi necessário um edifício em chamas para que isso acontecesse – mas, no fim, ele conseguiu.



Inferno na Torre (divulgação)



Acervo pessoal Steve McQueen (divulgação)

Uma obra que dialoga com os dias de hoje

Por *Daniel Schenker*

“O inimigo do povo” parece se encaixar no conjunto de filmes classificados como teatrais. George Schaefer valoriza o texto do norueguês Henrik Ibsen – escrito em 1882 e adaptado, aqui, pelo dramaturgo Arthur Miller –, destaca o trabalho do elenco e mantém a ação concentrada em espaços fechados (principalmente, a casa do médico Thomas Stockmann, o protagonista interpretado por Steve McQueen). Trata-se, portanto, de uma produção voltada para a palavra e a presença do ator.

O resultado, porém, transcende a esfera do palco. Os ambientes internos dentro dos quais a história se desenrola imperam, mas a neve intermitente que cai do lado de fora da janela sugere a importância do meio externo. Se na peça o inverno é mencionado como estação passada (“...passei todo o inverno trabalhando em silêncio pelo bem da cidade”, diz Thomas), no filme os personagens vivem o auge da estação.

É no inverno que Thomas alerta para o fato de que as águas da Estação Balneária da pequena cidade na costa da Noruega, onde mora, estão contaminadas, situação que se agravará no verão, quando a região receber um maior número de visitantes. A descoberta de Thomas gera reações passionais, em especial em seu irmão, o prefeito Peter (Charles Durning), que não hesita em sacrificar a saúde dos frequentadores da Estação Balneária em favor da estabilidade financeira da cidade.

Fiel à peça, apesar de ligeiras alterações, o filme se afasta um pouco de um registro contido na sequência de oposição entre Thomas e Peter diante dos habitantes da cidade. Schaefer realça os olhares lançados sobre Thomas – de compaixão, da parte de Catherine (Bibi Andersson), sua mulher, e de escárnio, da maioria dos demais. No instante em que Thomas é acusado de ser inimigo do povo, apenas Peter surge com o corpo posicionado em direção a ele. Para sublinhar a contundência do momento, a neve aumenta consideravelmente e a trilha sonora, também.

McQueen transmite a tenacidade de Thomas, que, pressionado pelo jogo de interesses que une política e imprensa, se mostra cada vez mais determinado a agir de acordo com a verdade e percebe, na quase solidão a que se vê relegado, a sua força e o seu poder. Numa época como a de hoje, marcada por evidente crise de princípios éticos, a imagem de Thomas permanece em pauta. E, em plano localizado, a circunstância da água contaminada, proposta por Ibsen, potencializa o elo com a atualidade.



O Inimigo do Povo (divulgação)

Réquiem para um cowboy

Por Lucas Salgado

É certo que “Caçador implacável” (1980) foi o último filme de Steve McQueen a chegar aos cinemas. Mas não é raro que muitos apontem “Tom Horn, o Cowboy”, lançado meses antes, como sua despedida da sétima arte. E isso é muito compreensível, diante do peso simbólico do filme. Não apenas trata-se de um faroeste, gênero que o consagrou, como ainda oferece uma trama repleta de simbolismos. É sabido que McQueen já lutava contra o câncer que lhe tirou a vida, em novembro de 80, o que torna as opções narrativas e de desenvolvimento do personagem ainda mais marcantes.

Dirigido por William Wiard, até então conhecido pelo trabalho em séries como “Agente 86” e “Bonanza”, o longa conta a história de Tom, um ex-militar que lutou nas Guerras Apache e que é contratado para proteger a boiada de proprietários de terra em uma região isolada no Velho Oeste dos Estados Unidos. Em uma terra quase sem lei, Tom usa da violência para afastar os criminosos, mas acaba despertando sentimentos conflituosos na população local, e nos próprios fazendeiros. Além de sofrer ameaças contra sua vida, ele se vê acusado de um crime e julgado por pessoas que parecem já ter decidido seu destino: o enforcamento.

Neste sentido, é interessante notar como “Tom Horn, o Cowboy” é vários filmes em um só. Além do elemento principal, o faroeste, o longa oferece momentos de drama, romance, filme de tribunal e

de fuga. Ainda que alguns elementos não funcionem tão bem, como a relação de Tom com o interesse amoroso vivido por Linda Evans, é curioso perceber as variações da trama, e como McQueen transita bem pelos gêneros, como se quisesse se despedir de cada um deles.

“Tom Horn” (no original) é ao mesmo tempo um réquiem e um epitáfio. Desde a primeira cena, com a câmera se aproximando de um Steve McQueen envelhecido, sentado ao lado de seu cavalo, enquanto aprecia o pôr do sol, o filme a todo o momento passa a ideia de que é uma despedida. No início dos anos 80, é bom lembrar, o faroeste já estava muito longe de seu período de auge. De certa forma, o longa tenta fazer o que Clint Eastwood viria a realizar com “Os imperdoáveis” (1992).

“Matar ou ser morto, depois de um tempo, é tudo o que você conhece”, diz o personagem-título em determinado momento. “Tom Horn, o Cowboy” não teve uma recepção muito boa à época de seu lançamento, mas sem dúvida é uma obra que merece uma revisão. Seja por retratar McQueen em um estado de fragilidade, seja pelos ótimos trabalhos de fotografia (John A. Alonzo) e trilha sonora (Ernest Gold).



Tom Horn, o Cowboy (divulgação)



Acervo pessoal Steve McQueen (divulgação)



Crown, o Magnífico (divulgação)

Uma despedida simbólica

Por Sérgio Rizzo

“Caçador implacável” estreou nos EUA em 1º de agosto de 1980. Pouco mais de três meses depois, em 7 de novembro, Steve McQueen morreu, aos 50 anos, em decorrência de um câncer no pulmão. A notícia parecia inacreditável para quem o havia visto no filme. Naquele ano, McQueen também havia estrelado “Tom Horn, o cowboy”, que entrara em cartaz em março. Esse ritmo de trabalho soava incompatível com a doença.

Além disso, a vitalidade de seu personagem em “Caçador implacável” – baseado em figura verídica, o lendário caçador de recompensas Ralph “Papa” Thorson (1926-1991) – não sugeria, nem de longe, alguém com fragilidade física. Bem ao contrário, aliás: o ator enfileirou, como em seus bons momentos de juventude, ao menos cinco sequências de ação em que dispensou, na maioria das tomadas, o uso de dublê.

“Papa” se apresenta ao espectador, na abertura do filme, capturando (sequestrando, a rigor) um jovem negro em um bairro negro – uma afronta branca que o personagem perpetra com uma naturalidade impressionante. Depois, ele enfrenta um grandalhão foragido (apanha, mas ganha por nocaute), escapa de uma explosão preparada por uma dupla e a enfrenta ao volante de uma ceifadeira, no meio de uma plantação.

A mais longa e sensacional das sequências foi escolhida para a foto do cartaz original, em que

McQueen aparece no teto de um vagão do metrô de Chicago – em movimento, num trecho sobre a superfície. Ela começa com um tiroteio em um prédio residencial, desce às ruas, passa por uma estação e se estende num trem ao longo de quilômetros, com o diretor Buzz Kulik (também em seu derradeiro filme para cinema) investindo na tensão e na violência.

As aventuras de “Papa” em “Caçador implacável” têm ainda mais um capítulo, em que ele faz o papel de caçado e precisa salvar a namorada (Kathryn Harrold) do homem que planeja vingar-se dele. Namorada? Sim, e grávida de um filho que “Papa” diz não querer. Em sua despedida do cinema, McQueen combina a dureza de sempre – aqui temperada por uma piada interna, o fato de ele dirigir muito mal diversos carros – com um aspecto mais humano.

Na pele de um homem que luta contra a perspectiva de que precisará abandonar seu modo de vida (e, portanto, a adrenalina das ruas) para assumir as responsabilidades de pai, McQueen talvez já estivesse preparando uma transição suave para outra categoria de personagens. Não teve tempo de fazê-la, mas a última cena de sua carreira – que o mostra, desajeitado, com um recém-nascido no colo, dizendo “Deus lhe abençoe” para o bebê – tem uma carga simbólica, quase espiritual, de despedida.



Caçador Implacável (divulgação)



Fugindo do Inferno (divulgação)

Desvendando a Lenda

Por *Luciana Costa*

Apesar de ter morrido há 40 anos, Steve McQueen até hoje desperta novos fãs. A que se deve tanto sucesso? Muitos documentaristas tentaram explicar, cada um com sua visão, sempre dando ênfase a pontos diferentes da vida do ator, pai, marido e aficionado por motores e velocidade.

Em “Steve McQueen” (1990) narrado pelo ator James Coburn – que atuou com Steve em “Sete homens e um destino” –, foi utilizada uma visão mais romaneada do astro, com vários depoimentos de sua primeira mulher, Neile Adams. É contada de forma resumida toda sua trajetória desde a infância difícil, como ingressou na carreira artística, o estrelato, alguns bastidores de filmes, até a motivação para que atuasse cada vez melhor.

“Um rebelde americano: Steve McQueen” (2007) é mais dinâmico, foi narrado em primeira pessoa como se o próprio Steve contasse sua história. Se em “Steve McQueen” temos a visão romântica de Neile, neste temos a visão de um amigo, contando de seu lado mais divertido e mulherego, mas que no fim encontrou a redenção ao se tornar religioso. Temos, também, depoimentos da última mulher com quem foi casado até o fim da vida, a modelo Barbara Minty.

“Num domingo qualquer” não é sobre a vida de Steve, foi feito com sua produção e participação em 1971, e mostra o mundo dos motociclistas do

qual fez parte. Embora muitas vezes fosse proibido de fazer suas próprias cenas de ação nos filmes em que atuou para não ter a possibilidade de acidentes que interrompessem as filmagens, era um exímio motociclista, participando de várias corridas aos domingos. O filme foi indicado ao Oscar de melhor documentário em 1972.

“Eu sou Steve McQueen” (2014), narrado por Robert Downey Jr, contém depoimentos de membros de sua família, até netos que nem mesmo o conheceram, críticos de cinema, dublês e também de famosos que o admiravam, como Pierce Brosnan, Gary Oldman e Robert Vaughn. Além das raras entrevistas com o próprio Steve, são mostradas matérias de jornais importantes como “The New York Times” sobre o ator. Este foi o documentário que mais abordou todos os aspectos de sua vida, tanto pessoal quanto profissional, tudo para explicar seu sucesso. O único filme contendo depoimentos de todas as suas mulheres, incluindo a atriz Ali MacGraw.

Com bastante uso de um humor inteligente, “Steve McQueen: a essência do formidável” (2005) conta muito sobre o apelo do ator com as mulheres e um pouco sobre sua atuação. Tudo isso acompanhado de depoimentos e cenas de seus filmes para ilustrar os fatos narrados.

O documentário “Steve McQueen: piloto do deserto” foi feito para um público

segmentado, os fãs de motociclismo. Atendo-se ao âmbito das motos que eram uma de suas maiores paixões, no filme sua carreira como ator praticamente não é mencionada. É retratado como competidor e amigo, que, nas pistas, sujo de terra e graxa, era apenas um homem e não astro. Somos apresentados também à moto que ele ajudou a criar e que é copiada até hoje.

“Steve McQueen: ícone americano” (2007) é bem mais poético e dramático que os anteriores, foca no fim de sua vida ao lado da mulher Barbara (que dá seu relato da história). Todo o enfoque do filme é no momento em que ele fez as pazes com Deus, se tornou mais feliz, tranquilo, mas morreu logo depois. É o único documentário que mostra detalhes de sua morte.

Bastante inovador ao mostrar algo que nenhum outro documentário sobre o ator havia mostrado antes, “Steve McQueen: O filme perdido” (2020) foi feito a partir do olhar e excelente trabalho de pesquisa de Alex Rodger. O projeto conta com depoimentos históricos, inclusive de astros como James Garner, morto em 2014, e John Sturges (1910-1992). Em meados dos anos 60, a MGM e a Warner estavam em guerra para ver quem ia conseguir lançar um filme sobre Fórmula 1 primeiro. Steve McQueen não só estava no elenco do longa da Warner como assinava a produção, porém este nunca chegou a ser feito. O documentário conta a história desse longa perdido por meio de filmagens da época e depoimentos com narração de David Letterman.



Steve McQueen: Piloto do Deserto (divulgação)

O Voo de Ícaro de Steve McQueen

Por *Mario Abbade*

Quando Ícaro não deu ouvidos ao conselho de seu pai, Dédalo, e voou muito perto do Sol, acabou tendo derretida a cera que colava as penas de suas asas e caiu no mar Egeu, morrendo afogado. Essa passagem da mitologia grega serve como uma direta lição: não se deve ser imprudente a ponto de voar mais alto do que as asas permitem, pois há risco de tombar. Da história, ficou também a expressão Voo de Ícaro, que talvez seja um título apropriado para o documentário “Steve McQueen: O homem & Le Mans”.

Dirigido por Gabriel Clarke (responsável pelo roteiro) e John McKenna, o longa é uma bela reflexão sobre como a obsessão pode levar ao fracasso, tomando como exemplo o caso de Steve McQueen, que em 1971 era o ator mais famoso do planeta: tinha ganhado duas vezes, em 1967 e 1970, o Henrietta Award no Globo de Ouro, prêmio dado aos atores favoritos (World Film Favorite). McQueen vinha de vários sucessos seguidos, de bilheteria e crítica, com os filmes “A mesa do diabo” (1965), “Nevada Smith” (1966), “O canhoneiro do Yang-Tsé” (1966, que lhe rendeu indicação ao Oscar), “Crown, o magnífico” (1968) e “Bullitt” (1968). Com Hollywood ajoelhada a seus pés, The King of Cool (O Rei do Pedaco, em tradução livre) investiu na carreira de produtor e quis adquirir o controle total sobre seus filmes, garantindo o corte final e a visão artística de seus projetos. Com um cheque em branco nas mãos, ele resolveu juntar duas de suas paixões: cinema e automobilismo – McQueen era um aficionado, tendo demonstrado talento em diversas disputas profissionais de carro e moto desde o início dos anos 60.

Em 1962, ele começou a sonhar com a possibilidade de fazer um filme sobre o esporte com o projeto “Day of the Champion”, mas, em 1966, a Warner Bros cancelou a empreitada, por causa do filme “Grand Prix”, estrelado

por James Garner e lançado no mesmo ano. O longa com Garner era mais um novelão, diferente do que McQueen queria fazer: transportar o espectador para dentro do veículo durante uma corrida, para que ele pudesse sentir toda a adrenalina. Seu desejo era fazer o filme definitivo sobre o assunto, em que não seria só o ator, mas também o autor.

Nove meses antes de iniciar as filmagens, McQueen desistiu de ir a uma festa na casa de Sharon Tate, por causa de um encontro com uma loura (era um mulherengo inveterado). Isso acabou salvando sua vida, pois foi nessa ocasião que Charles Manson cometeu a famosa chacina, e McQueen era o primeiro nome na lista de morte do psicopata. O ator ficou tão paranoico que tirou uma licença para portar uma arma que passou a carregar em todas as suas viagens. A mania e o perfeccionismo aumentaram durante as filmagens. Ele reuniu pilotos profissionais e a melhor equipe técnica sobre o tema para fazer o registro da tradicional e charmosa 24 Horas de Le Mans, principal prova do Campeonato Mundial de Endurance da FIA (competição organizada pela Federação Internacional de Automobilismo) e considerada a maior corrida do planeta. A prova de resistência, que dura 24 horas, é disputada anualmente desde 1923, no Circuit de la Sarthe, na cidade de Le Mans, na França.

Da mesma forma que o diretor Francis Ford Coppola fez em 1978, para conceber “Apocalypse now”, MacQueen construiu uma vila, para montar toda a estrutura necessária para fazer o filme, perto do circuito em Le Mans. Como era costume na época, iniciou as filmagens sem ter um roteiro. Foram semanas e mais semanas registrando imagens espetaculares dos carros na pista,

com um aparato que até hoje é usado pelas produções atuais que não recorrem aos efeitos especiais em CGI. Tudo foi feito de maneira mais realista possível. Nenhum outro filme sobre automobilismo conseguiu capturar melhor como acontece uma corrida. Depois de seis semanas, o diretor John Sturges, responsável pelos sucessos “Sete homens e um destino” (1960) e “Fugindo do inferno” (1963) com McQueen, abandonou a produção por não ter conseguido filmar uma cena sequer com diálogos ou alguma dramaturgia. Sturges disse na época que “estava muito velho e muito rico para aturar aquele merda”. Ele nunca mais quis trabalhar com McQueen, e não se falaram mais. Depois do orçamento estourado, e sem um roteiro, o estúdio acabou recuperando o controle do projeto. Apesar de tudo, ainda impressiona a multivisão dos carros, dos pilotos e da pista nas cenas filmadas. São tomadas de vários ângulos estilosos, a maioria feita a 330km por hora - não só o que está sendo capturado, mas também os veículos que estão capturando.

A grande pergunta do filme de Gabriel Clarke e John McKenna é: por que algo que parecia tão certo deu tão errado? O filme foi um fracasso em todos os sentidos. Para entender a razão disso, Clarke e McKenna fizeram um trabalho minucioso de pesquisa, após encontrar quase quatro horas de filme nos Estados Unidos e na Europa que nunca foram vistas. Eles entrevistaram todos os envolvidos nas turbulentas filmagens que duraram impressionantes seis meses. Os depoimentos conflitantes são ilustrados por imagens atuais e da época, e o longa ainda conta com o próprio McQueen colocando suas conclusões, por meio de uma entrevista recuperada, somente com som, que acaba se tornando a condutora da narrativa. Alguns acontecimentos foram dramatizados e narrados por aqueles que estavam lá. Tudo milimetricamente editado, com várias histórias comprovadas por documentos de que o público não tinha conhecimento. Clarke e McKenna completam as lacunas com uma abordagem rica em detalhes.

Em um primeiro momento, “Steve McQueen: o homem & Le Mans” parece só mais um documentário sobre as filmagens para os iniciados e fãs do assunto. Mas os mais atentos às camadas de significado nas entrelinhas vão perceber que o mote é um mero condutor para algo mais profundo: o comportamento do obcecado, aquele que tem uma ideia fixa e persistente que determina sua conduta. A origem da palavra obcecado no latim, obcaecare, indica um estado de cegueira - uma ideia que acumula um sem-número de exemplos na história da humanidade a ensinar que prosseguir sem limites gera a falência total, em vez do sucesso no cumprimento dos objetivos. Não saber lidar com a frustração da derrota costuma provocar feridas incuráveis. E as filmagens de “As 24 horas de Le Mans” deixaram marcas em todos os envolvidos, de uma forma ou de outra. McQueen nunca mais participou de uma corrida. Sua desilusão foi tanta que ele resolveu dar as costas para o esporte que foi sua primeira paixão. E cada vez mais se tornou um recluso. No final, Steve McQueen perdeu sua mulher, sua família e sua paixão pelo cinema.

Apesar de McQueen voltar ao topo um ano depois com “Os implacáveis” (1972) e se manter no auge com “Papillon” (1973) e “Inferno na torre” (1974), a mágoa foi tão dolorosa que nem essas vitórias trouxeram sua recuperação. Seu maior sonho não realizado acabou sendo mais um fator, junto com o fumo e o amianto (causa de intoxicação no ator, que foi da Marinha, onde se pode ter contato com a substância, além de o macacão à prova de fogo dos pilotos também levar esse componente), para o avanço do câncer que lhe tirou a vida em 1980. “Steve McQueen: o homem & Le Mans” é um acerto de contas necessário, em respeito ao artista e à sua visão única.

O documentário “Steve McQueen: O homem & Le Mans” teve seu lançamento mundial no Festival de Cannes de 2015, e esse texto foi publicado no site da The International Federation of Film Critics (FIPRESCI), do qual Mario Abbade foi o presidente do júri da crítica.

Buscando McQueen

Por Jessica de Paula

Como contar uma grande e intensa história em tempo limitado e com pouco dinheiro? Esse foi o desafio que o roteirista e diretor Joe Eddy decidiu enfrentar em uma hora e 30 minutos de “Perseguindo Bullitt” (“Chasing Bullitt”, 2018), seu road movie sobre um período delicado da vida do astro Steve McQueen.

O ano é 1971, quando encontrarmos um homem que sente sua carreira ameaçada, com o projeto de sua vida - o filme “24 horas de Le Mans” - destruído por executivos e desprezado pelo público, além de ele precisar lidar com um casamento em ruínas. Ainda assim, McQueen exige de si manter a aparência do conquistador alfa irônico e incontrolável. Impor ao seu agente que encontre o GT 390 original usado em seu sucesso “Bullitt”, como condição para escolher seu próximo papel, é a válvula de escape perfeita para o momento.

É por meio de cortes rápidos, telas divididas ou multiplicadas e coloridas (referência a “Crown, o magnífico”, 1968), ou imagens levemente desfocadas e granuladas, que Eddy nos ambienta no tempo e espaço de McQueen. Imagens da época ou takes surgem por um, dois segundos, enriquecendo o contexto. Contrapondo-se a isso, a fotografia exuberante da viagem pelo deserto oferece a oportunidade de vê-lo refletir com alguma leveza sobre sua vida, graças à companhia de uma carona sedutora e instigante, mas que não é suficiente para que Steve McQueen consiga esquecer seus problemas.

O diretor faz ainda o uso das cores para retratar o íntimo de McQueen. As lembranças dos tempos felizes são em tons vibrantes de amarelo, laranja e vermelho, tudo muito quente e solar. Já as recordações mais difíceis são frias, em tons desbotados de cinza, marrom e azul. São azuis suas roupas ao agredir Neile, o casaco nas sessões com terapeuta e o GT 390 dado pelo estúdio com que ele cruza o deserto.

O elenco enxuto conta com boas atuações. Andre Brooks traz muito mais que os olhos azuis e cabelos loiros do astro. Augie Duke dá vida a Neile com solidez, e temos como bônus a deliciosa interpretação de Jason Slavkin como um jovem Dustin Hoffman.

Joe Eddy consegue driblar a falta de recursos e de experiência com um filme nostálgico, melancólico, que tem momentos divertidos. É perceptível o afeto do diretor por McQueen, retratando-o sem romantizações ou julgamentos, apenas como o homem que era. Os vícios, os desvios de caráter, as virtudes estão lá, como em qualquer pessoa. Entre fatos e licenças poéticas, ele nos mostra que Steve McQueen acaba por encontrar o que buscava.

E não, não estou falando do carro.



Perseguindo Bullitt (divulgação)

Paixão, galhofa e descontração

Por Zeca Seabra

Steve McQueen, considerado o verdadeiro rebelde da Nova Hollywood e um dos atores mais bem pagos do mundo, dono de um charme potente e de um estilo másculo repleto de irresistível autoconfiança, foi símbolo do machão sofisticado por décadas, encantando homens e mulheres no mundo inteiro.

Harry Barber também era fã do ator, e seu grande feito na vida foi ter realizado o maior assalto a banco da história dos EUA. Barber (morto em 2018) foi preso pelo FBI em 1980, oito anos após o roubo do United California Bank de quase US\$ 30 milhões em contribuições ilegais de um fundo secreto do então presidente Richard Nixon, às vésperas do escândalo Watergate.

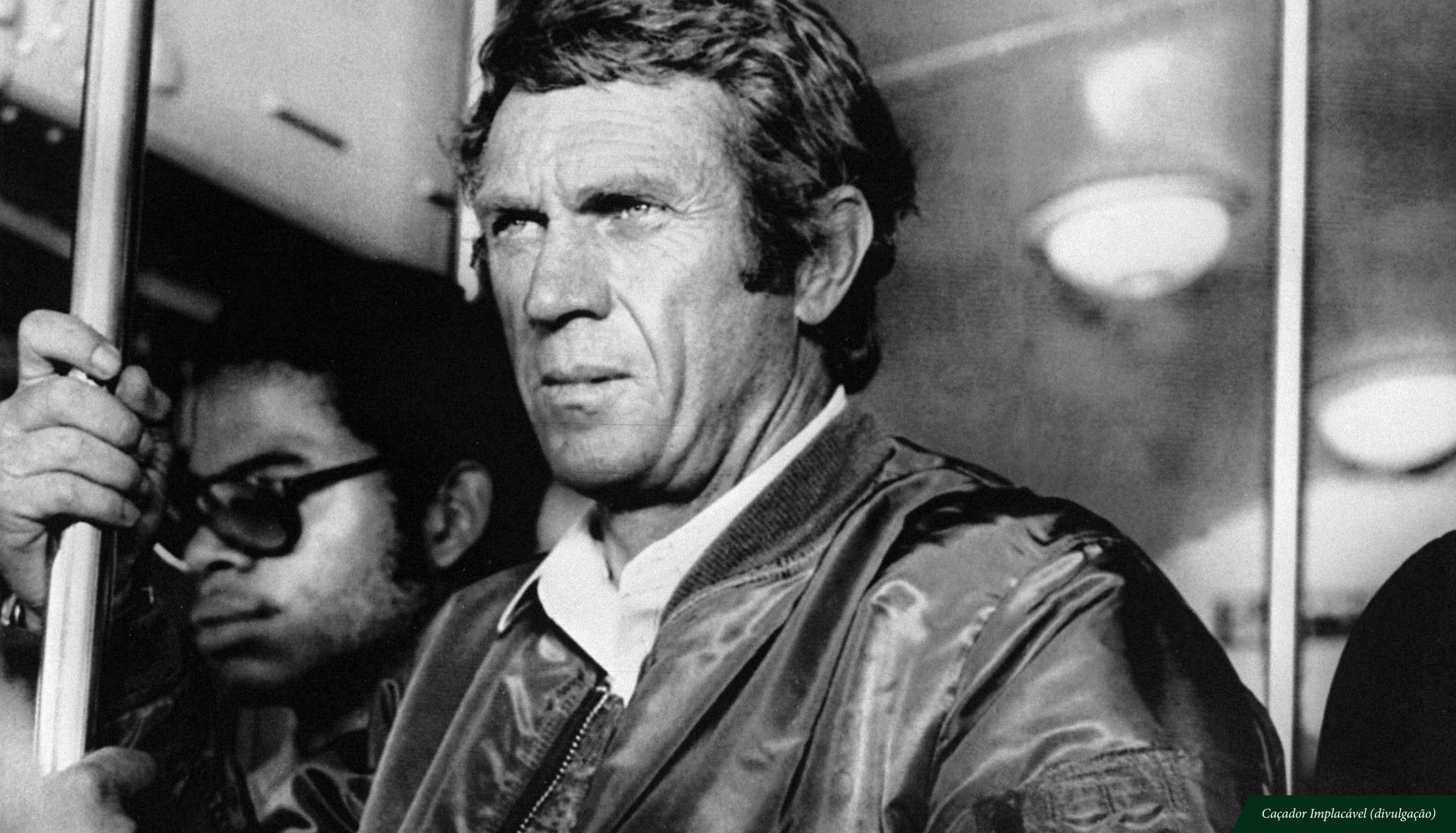
“Procurando Steve McQueen” (“Finding Steve McQueen”, no original) é inspirado neste evento, fazendo várias referências e homenagens aos filmes do ator mais cool de Hollywood, como “Sete homens e um destino”, “Fugindo do inferno”, “Crown, o magnífico”, “Os implacáveis” e, com destaque, “Bullitt”, filme preferido de Barber, em que MacQueen caçava um assassino pelas ruas de São Francisco a bordo de um Ford Mustang numa das mais famosas sequências de perseguição automobilística do cinema.

No entanto, o diretor Mark Steven Johnson, que tem em seu currículo o questionável “Motoqueiro Fantasma” (2007), e os roteiristas Ken Hixon e Keith

Sharon não conseguiram ir além do gênero básico de “filmes sobre assalto a banco” e apresentam um trabalho em que a paixão de um rapaz marginal pelo seu ídolo cool é transformada em um híbrido de galhofa e descontração, perdendo a oportunidade de transmitir a essência de um dos últimos garanhões românticos que o cinema produziu. O ator australiano Travis Fimmel (mais conhecido como Ragnar Lothbrok da série “Vikings”) tem alguns traços de MacQueen, mas fica indeciso na construção de um personagem tão ambíguo como Harry Barber, e a química com sua namorada Molly Murphy (Rachael Taylor) é reduzida a zero.

Mesmo assim, “Procurando Steve McQueen” é uma boa oportunidade para recordar um dos maiores astros de Hollywood surgidos durante o auge da contracultura, sintetizado na sequência final quando Molly se despede de Barber citando a mesma frase que Faye Dunaway disse para Steve McQueen em “Crown, o magnífico”: “Acha que, no Além, haverá felicidade para pessoas como nós?”. Não temos nenhuma dúvida de que a resposta é sim.





Frases de Steve McQueen



Frases de Steve McQueen

“Não tenho certeza se sou um ator que pilota ou um piloto que atua.”

“Não tenho certeza se atuar é algo para um homem adulto fazer.”

“Sempre me sinto um amador. Na maior parte do tempo, não sei o que estou fazendo.”

“Se eu não tivesse dado certo como ator, acabaria virando um marginal.”

“Eu realmente não gosto de atuar. No começo, em 1951, eu tive que me forçar a continuar com isso. Eu estava realmente desconfortável, muito desconfortável.”

“Nunca serei um ator tão bom quanto quero ser, mas eu serei bom.”

“Eu não sou um grande ator, vamos ser sinceros. Não tenho muito escopo. Há certas coisas que posso fazer, mas, quando vou mal, sou péssimo”.

“Com certeza não sou quem as pessoas pensam que eu sou. Sempre faço o que eu quero, e meus filmes são pessoais para mim.”

“Tem algo nos meus olhos de cachorro perdido que faz as pessoas pensarem que eu sou bom. Eu não sou tão bom.”

“Eu acho que ser ator é como ser um dançarino, você tem que usar o seu corpo. Eu não entendo todas essas questões sobre nudez. Não faz sentido. Ele é um ator, um artista, então vá em frente.”

“Atuar é como correr, você precisa da mesma concentração. Você tem que procurar dentro de você e trazer para fora um monte de sentimentos controversos. Isso é doloroso.”

“Correr é vida. O resto todo é apenas esperar.”

“Toda vez que começo a pensar que o mundo é ruim, eu vejo pessoas lá fora se divertindo com suas motocicletas. Isso me faz ver de outra forma.”

“Quando um cavalo aprender a comprar martinis, eu aprendo a gostar de cavalos.”

“Às vezes a melhor forma de relaxar é apenas voltar ao trabalho.”

“Uma das coisas que faz com que motos sejam tão fantásticas é que elas nunca falham em te dar a sensação de liberdade e aventura.”

“Não sei por que aconteceu (o estrelato), mas é meio legal. Talvez seja porque eu sou alguém das ruas. Talvez, por isso, as pessoas consigam se relacionar comigo.”

“Estrelato significa sucesso financeiro, e sucesso financeiro significa segurança. Perdi muito tempo da minha vida me sentindo inseguro. Eu continuo tendo pesadelos sobre ser pobre e tudo que eu tenho desaparecendo. Estrelato significa que isso não vai acontecer.”

“Tenho a sensação de que estou deixando o estrelato para trás, você sabe. Estou gradualmente me tornando mais cineasta, adquirindo um tipo de dignidade diferente daquele que você alcança na atuação. Afinal, eu não sou um ídolo de matinê e estou ficando mais velho. Não acho que posso fazer meu tipo de coisa nos anos 70; quero estar mais do lado criativo dos negócios.”

“Eu tenho dificuldade para colocar palavras na boca dos personagens. O melhor diálogo é o que diz pouco; deixe as pessoas improvisarem, então, basicamente, grave o que elas improvisaram e anote.”

“O movimento de câmera deveria ser como um gato pulando em uma mesa – com apenas o esforço suficiente, e é isso.”

“Não há ângulo certo ou errado para alguma coisa. A ideia de colocar a câmera em uma posição desconhecida é simplesmente relacionada à linguagem do filme. Às vezes é espetacular, às vezes é feia, às vezes é desinteressante.”

“No que diz respeito à arte e ao cinema, não vejo diferença; é apenas uma coisa só.”

“A melhor parte de fazer um filme é o tempo que você passa fazendo. Quando vejo trabalhos meus, eu sempre me lembro dos momentos maravilhosos que passei. O filme me lembra daqueles momentos.”

“Minhas influências vêm da vida real. Eu não estou interessado em cinema pelo bem do cinema. Eu tô interessado na vida – o que uma pessoa faz e como a outra interage.”

“Eu preferia acordar no meio do nada do que em qualquer cidade do planeta.”

“Eu sou de Meio-Oeste. É um bom lugar para ser criado. Te dá a noção de certo, errado e justiça, o que eu acho que está em falta na sociedade.”

“Quando eu fiz ‘Fugindo do inferno’ (‘The great escape’, em tradução literal, ‘A grande escapada’), eu não parava de me perguntar se aquele era um filme sobre a minha vida.”

“Eu aprendi que a vida é um caminho longo e difícil, mas você tem que seguir em frente, ou vai cair no esquecimento.”

“Só quero anéis de bronze, pinheiros, meus filhos e a grama verde. Eu quero ficar rico gordo e ver meus filhos crescidos.”

“Ninguém confia em ninguém, ou por que eles colocaram tilt (inclinação específica que evita que o jogador burle o jogo) em uma máquina de pinball?”

“Eu trabalhei duro, e, se você trabalhar duro, você ganha as recompensas.”

“O mundo é tão bom quanto você. Você precisa aprender a gostar de si mesmo primeiro.”

“Às vezes você tem que dizer adeus às coisas que você conhece e olá às coisas que você não conhece.”

“Todos merecem não apenas sobreviver, mas também viver.”

“Eu me escondi por dois anos, tentando enganar a raça humana e descobrir exatamente onde diabos eu me encaixava – aprendi que não havia vagas.”

“Eu não sou uma pessoa tão interessante.”

“Eu acredito em mim. Sou meio problemático, mas sou bonito.”

“Eu não acredito nessa ideia brega de herói.”

“Preciso ter uma razão pela qual estou fazendo alguma coisa. Caso contrário, eu estou perdido.”

“As pessoas tentam controlar as coisas colocando-as em categorias. Eu não.”

“Não quero falar sobre bobagens porque não me ajuda em nada.”

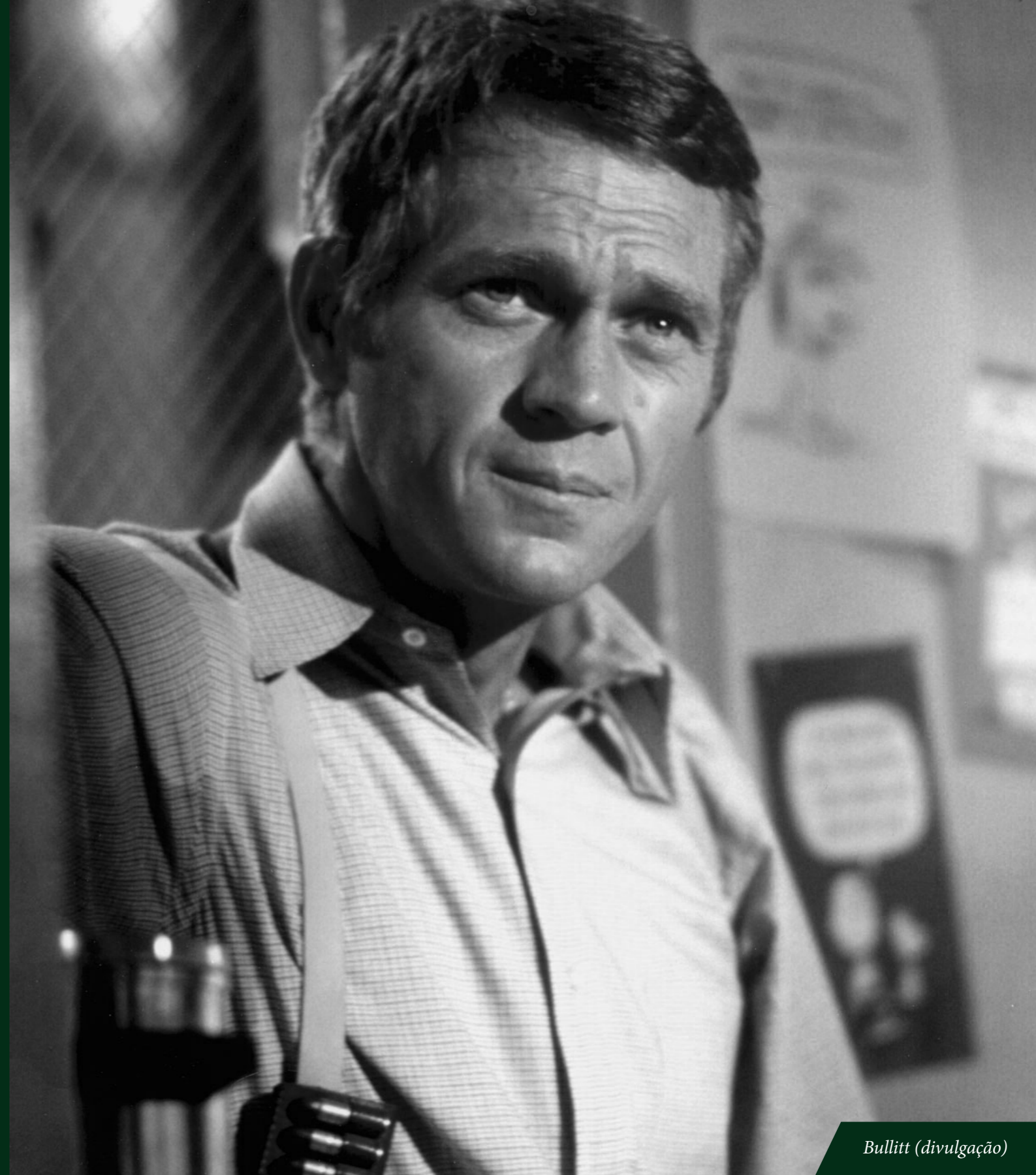
“A qualquer coisa que não faça sentido, não quero dedicar muito dos meus neurônios.”

“Quando acredito em algo, luto como o inferno por isso.”

“Às vezes você tem que dobrar com a brisa, ou quebrar.”

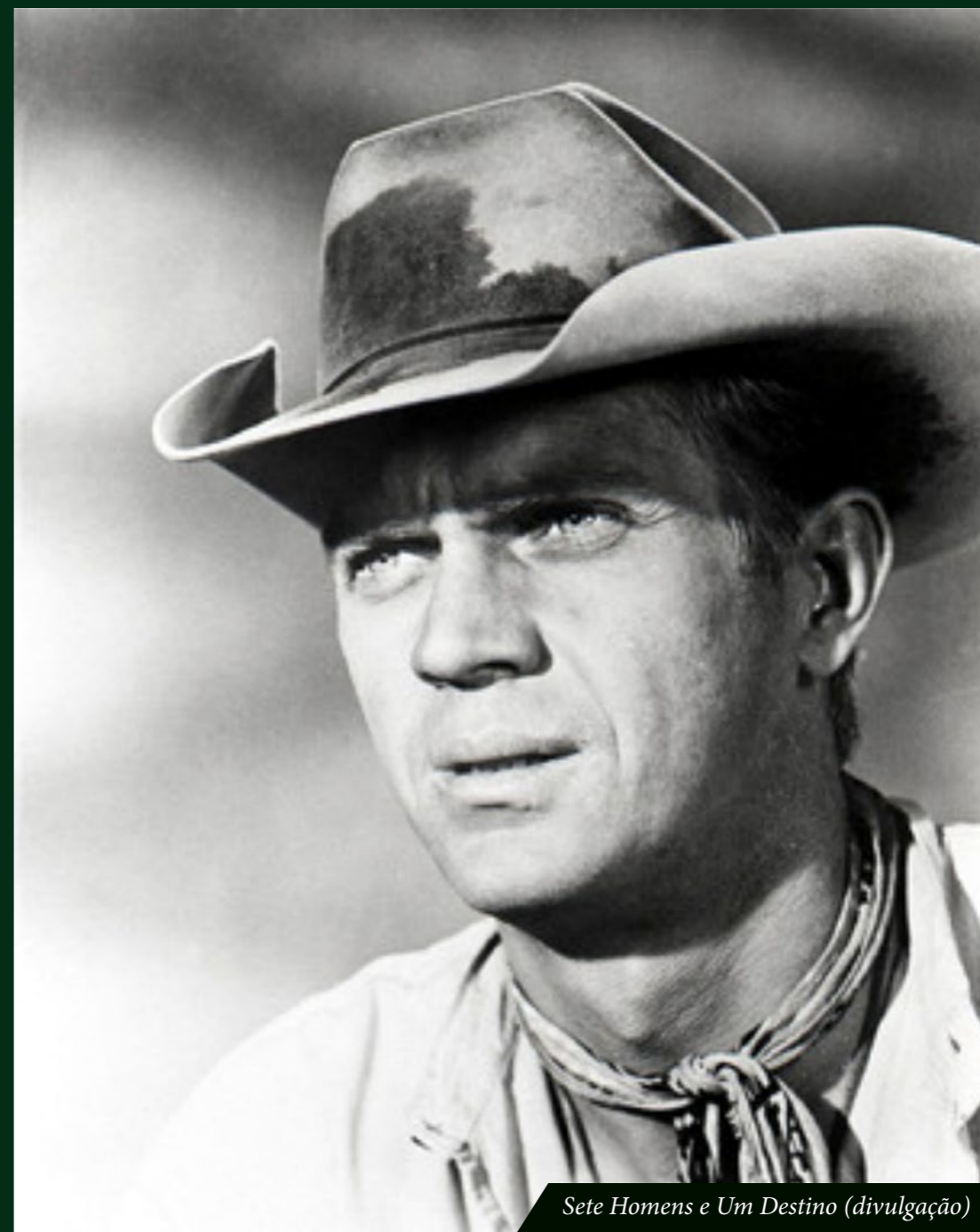
“Vivo para mim e não respondo a ninguém.”

“Eu espero que você encontre o que está procurando.”





O Inferno é para os Heróis (divulgação)



Sete Homens e Um Destino (divulgação)

Sinopses



Sinopses

Império de gangster (Never love a stranger), de Robert Stevens (EUA, 1958).

Elenco: Steve McQueen, John Drew Barrymore, Lita Milan.

Drama.

Sinopse: Ao se descobrir judeu, um órfão é expulso da comunidade cristã em que foi criado. Desiludido, ele se volta para o crime e logo se torna o principal chefe da máfia de Nova York. **91 min. 12 anos.**

A bolha assassina (The blob), de Irvin S. Yeaworth Jr. e Russell S. Doughten Jr. (EUA, 1958).

Elenco: Steve McQueen, John Benson, Earl Rowe.

Terror/Ficção Científica.

Sinopse: O jovem Steve Andrews descobre uma bolha rosada assassina que está sugando a vida das pessoas, mas só a namorada acredita nele. **86 min. 16 anos.**

O grande roubo de St. Louis (The great St. Louis Bank robbery), de Charles Guggenheim e John Stix (EUA, 1959).

Elenco: Steve McQueen, Crahan Denton, David Clarke.

Crime.

Sinopse: Uma gangue planeja um assalto ao banco de St. Louis. Os planos se complicam quando a irmã de um dos ladrões começa a demonstrar suspeitas.

89 min. 14 anos.

Quando explodem as paixões (Never so few), de John Sturges (EUA, 1959).

Elenco: Frank Sinatra, Gina Lollobrigida, Steve McQueen

Aventura/Drama.

Sinopse: O capitão Tom Reynolds é surpreendido quando, em meio à Segunda Guerra Mundial, um de seus grupos aliados cai numa emboscada de mercenários chineses. Reynolds planeja vingança.

125 min. 14 anos.

Sete homens e um destino (The magnificent seven), de John Sturges (EUA, 1960).

Elenco: Yul Brynner, Steve McQueen, Eli Wallach.

Faroeste.

Sinopse: Os habitantes de um vilarejo mexicano são atacados pelo bando do temido Calvera. A dupla de pistoleiros Chris e Vin decide encontrar cinco aliados para defender o vilarejo.

128 min. 14 anos.

A máquina do amor (The honeymoon machine), de Richard Thorpe (1961).

Elenco: Steve McQueen, Jim Hutton, Paula Prentiss.

Comédia romântica.

Sinopse: Um tenente tem a ideia de usar o computador do navio chamado Max, para prever os números da roleta de um cassino em Veneza. E convence o cientista do navio a ajudá-lo.

87 min. 14 anos.

O inferno é para os heróis (Hell is for heroes), de Don Siegel (EUA, 1962).

Elenco: Steve McQueen, Bobby Darin, Fess Parker.

Drama/Guerra.

Sinopse: Durante a Segunda Guerra Mundial, um pequeno grupo de soldados está exausto, mas é chamado de volta à linha de frente, onde eles estarão em menor número. **90 min. 14 anos.**

O amante da guerra (The war lover), de Philip Leacock (UK/EUA, 1962).

Elenco: Steve McQueen, Robert Wagner, Shirley Anne Field.

Aventura/Drama.

Sinopse: Na Inglaterra, durante a Segunda Guerra Mundial, o piloto mais ousado conquista o respeito da tripulação, mas sua atitude rebelde o afasta de todos. **105 min. 14 anos.**

Fugindo do inferno (The great escape), de John Sturges (EUA, 1963).

Elenco: Steve McQueen, Charles Bronson, Richard Attenborough.

Aventura/Drama.

Sinopse: Soldados aliados tentam fugir de um campo de concentração. Mas, a cada tentativa frustrada, os soldados nazistas endurecem, e cada vez é preciso mais esforço. **172 min. 14 anos.**

Quanto vale um homem (Soldier in the rain), de Ralph Nelson (EUA, 1963).

Elenco: Steve McQueen, Jackie Gleason, Tuesday Weld.

Comédia dramática.

Sinopse: A história de amizade entre dois sargentos do exército trabalhando como civis e aprendendo um com o outro. **88 min. 14 anos.**

O preço do prazer (Love with the proper stranger), de Robert Mulligan (EUA, 1963).

Elenco: Steve McQueen, Natalie Wood, Herschel Bernardi.

Comédia romântica.

Sinopse: A operária Angie procura o trompetista Rocky para lhe dizer que está grávida e precisa da sua ajuda para encontrar um médico que faça um aborto. **102 min. 14 anos.**

O gênio do mal (Baby the rain must fall), de Robert Mulligan (EUA, 1965).

Elenco: Steve McQueen, Lee Remick, Don Murray.

Drama.

Sinopse: Henry é cantor e guitarrista numa banda e está em liberdade condicional. Sua mãe adotiva não aceita que ele seja músico e o ameaça com os termos da condicional. **100 min. 14 anos.**

A mesa do diabo (The Cincinnati kid), de Norman Jewison (EUA, 1965).

Elenco: Steve McQueen, Ann-Margret, Edward G. Robinson.

Drama.

Sinopse: Nos anos 30, Cincinnati Kid é um jovem e ambicioso jogador de pôquer almejando a ascensão no mundo do baralho. **102 min. 14 anos.**

Nevada Smith, de Henry Hathaway (EUA, 1966). **Elenco:** Steve McQueen, Karl Malden, Brian Keith.

Faroeste.

Sinopse: No Velho Oeste, Max Sands teve os pais torturados e brutalmente assassinados por pistoleiros. Agora ele quer vingança a qualquer preço, mas não sabe ler, escrever ou atirar. **128 min. 14 anos.**

O canhoneiro do Yang-Tsé (The Sand Pebbles), de Robert Wise (EUA, 1966).

Elenco: Steve McQueen, Richard Attenborough, Richard Crenna.

Drama.

Sinopse: Em 1926, durante a Revolução Chinesa, um engenheiro naval dos EUA é designado para uma canhoneira numa missão de resgate na China devastada pela guerra. **182 min. 14 anos.**

Crown, o Magnífico (The Thomas Crown affair),

de Norman Jewison (EUA, 1968).

Elenco: Steve McQueen, Faye Dunaway, Paul Burke.

Drama.

Sinopse: Um homem de negócios milionário planeja um assalto a banco. Uma investigadora da seguradora é chamada para resolver o caso, e uma forte atração surge entre eles. **102 min. 14 anos.**

Bullitt, de Peter Yates (EUA, 1968).

Elenco: Steve McQueen, Jacqueline Bisset, Don Gordon.

Ação.

Sinopse: Policiais são escalados para vigiar uma testemunha por 24 horas, antes que ela se apresente no tribunal. Mas tanto policiais quanto a testemunha são assassinados. **114 min. 14 anos.**

Os rebeldes (The reivers), de Mark Rydell (EUA, 1969).

Elenco: Steve McQueen, Sharon Farrell, Ruth White.

Comédia dramática.

Sinopse: Um trio composto por um garoto de 13 anos, um adulto rude e um homem negro toma emprestado o carro do patrão e parte em viagem de prazer ilícito por três dias. **107 min. 14 anos.**

As 24 horas de Le Mans (Le Mans), de Lee H. Katzin (EUA, 1971)

Elenco: Steve McQueen, Siegfried Rauch, Elga Andersen.

Drama.

Sinopse: Piloto americano retorna ao circuito de Le Mans determinado a vencer mesmo tendo quase morrido no ano anterior. Lá, se sente atraído por jovem viúva. **106 min. 14 anos.**

Dez segundos de perigo (Junior Bonner), de Sam Peckinpah (EUA, 1972).

Elenco: Steve McQueen, Robert Preston, Ida Lupino.

Drama.

Sinopse: Peão de rodeio volta à sua cidade natal para enfrentar o touro que o derrotou na arena. Lá, percebe que tem outras pendências para resolver, principalmente na família. **100 min. 14 anos.**

Os implacáveis (The getaway), de Sam Peckinpah (EUA, 1972).

Elenco: Steve McQueen, Ali McGraw, Ben Johnson.

Ação.

Sinopse: Um ex-presidiário e sua leal esposa saem fugidos após uma tentativa de roubo dar errado. **123 min. 14 anos.**

Papillon, de Franklin J. Schaffner (França/EUA, 1973).

Elenco: Steve McQueen, Dustin Hoffman, Victor Jory.

Drama.

Sinopse: Dois presidiários decidem escapar de uma penitenciária de segurança máxima, onde a regra diz que quem tentar fugir terá mais tempo de pena.

151 min. 14 anos.

Inferno na torre (The towering inferno), de John Guillermin (EUA, 1974).

Elenco: Steve McQueen, Paul Newman, William Holden.

Ação.

Sinopse: Na festa de inauguração de um majestoso prédio mal construído, acontece um terrível incêndio que ameaça a vida de todos que estão dentro.

165 min. 14 anos.

O inimigo do povo (An enemy of the people), de George Schaefer (EUA, 1978).

Elenco: Steve McQueen, Bibi Andersson, Charles Durning.

Drama.

Sinopse: Um cientista fica contra uma cidade inteira quando descobre que o SPA medicinal dali, uma grande atração turística, está poluído.

103 min. 14 anos.

Tom Horn, o Cowboy (Tom Horn), de William Wiard (EUA, 1980).

Elenco: Steve McQueen, Linda Evans, Richard Farnsworth.

Drama.

Sinopse: Rancheiros com problemas de roubo de gado contratam Tom para perseguir os ladrões, prendendo, matando ou expulsando-os da região.

98 min. 14 anos.

Caçador implacável (The hunter), de Buzz Kulik (EUA, 1980).

Elenco: Steve McQueen, Eli Wallach, Kathryn Harrold.

Ação.

Sinopse: Moderno caçador de recompensas passou a vida viajando e procurando fugitivos, agora ele irá ter um filho e precisa pensar se continuará nessa profissão de risco.

97 min. 14 anos.

Documentários

Steve McQueen (Steve McQueen: Man on the edge), de Gene Feldman e Suzette Winter (EUA, 1990).

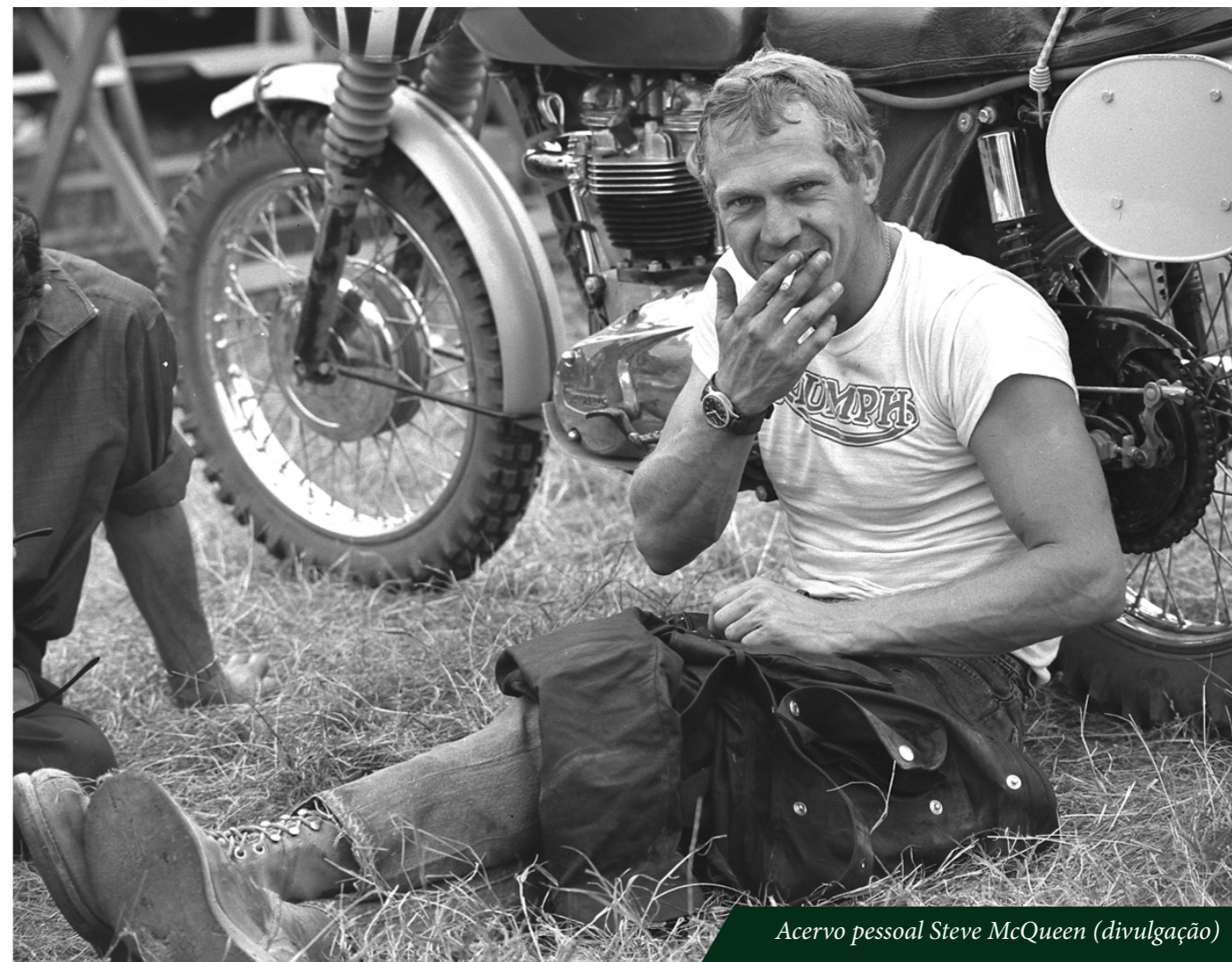
Sinopse: A difícil trajetória de vida do homem que viria a ser um dos mais difíceis, rebeldes e charmosos astros de Hollywood. **60 min. 14 anos.**

Steve McQueen: A essência do formidável (Steve McQueen: The essence of cool), de Mimi Freedman (EUA, 2005).

Sinopse: A vida do ator Steve McQueen, num filme feito no ano de seu 75º aniversário de seu nascimento. **87 min. 14 anos.**

Eu sou Steve McQueen (I am Steve McQueen), de Jeff Renfroe (EUA, 2014).

Sinopse: O filme conta como McQueen percorreu um caminho improvável do reformatório para ao Actors Studio, tornando-se o ator mais bem pago de sua geração. **90 min. 14 anos.**



Acervo pessoal Steve McQueen (divulgação)



Extra

Num domingo qualquer (On any sunday), de Bruce Brown (EUA, 1971).

Sinopse: O documentário, que concorreu ao Oscar, acompanha a vida de pilotos de motos e entusiastas de corrida, incluindo o ator Steve McQueen.

96 min. 14 anos.

Um rebelde americano: Steve McQueen (An american rebel: Steve McQueen), de Richard Martin (EUA, 2007).

Sinopse: Documentário feito por um amigo de McQueen, Richard Martin. Baseado no livro de Marshall Terrill. **87 min. 14 anos.**

Steve McQueen: O homem & Le Mans (Steve McQueen: The man & Le Mans), de Gabriel Clarke, John McKenna (EUA/UK, 2015).

Sinopse: O filme conta a história de como um dos astros mais carismáticos de sua geração, que aparentemente perdeu muito o que prezava na busca de seu sonho. **102 min. 14 anos.**

Steve McQueen: Piloto do deserto (Steve McQueen: Desert racer), de Jon Brewer (EUA, 2015).

Sinopse: Neste documentário, o diretor Jon Brewer descobre a fascinante história de Steve McQueen como piloto de moto no deserto. **48 min. 14 anos.**

Steve McQueen: Ícone americano (Steve McQueen: American icon), de Jon Erwin, Ben Smallbone (EUA, 2017).

Sinopse: Uma história de redenção que narra a saída de McQueen do mundo da fama e fortuna e sua busca pouco conhecida por verdade e significado. **79 min. 14 anos.**

Steve McQueen: O filme perdido (Steve McQueen: The lost movie), de Alex Rodger (EUA, 2020).

Sinopse: Steve McQueen, lenda de Hollywood e ávido fã de corridas, começou um filme sobre a Fórmula 1 em meados dos anos 1960 que era a sua paixão, mas não conseguiu concluir. **87 min. 14 anos.**

Perseguindo Bullitt (Chasing Bullitt), de Joe Eddy (EUA, 2018). Com Jan Broberg, Andre Brooks, Dorian Cirillo-Murray.

Drama.

Sinopse: Janeiro de 1971. Após um confronto com seu agente, Steve McQueen faz um acordo: ele escolherá seu próximo filme se seu agente ajudá-lo a localizar o icônico Ford Mustang GT 390 de seu filme “Bullitt”. Em sua jornada pelo deserto e de volta a Los Angeles, McQueen pensa em seus triunfos e derrotas.

90 min. 14 anos.

Em busca de Steve McQueen (Finding Steve McQueen), de Mark Steven Johnson (EUA, 2019). Com Travis Fimmel, William Fichtner, Rachael Taylor.

Ação.

Sinopse: A história real do roubo de um fundo secreto de Richard Nixon, então Presidente dos Estados Unidos. **91 min. 14 anos.**

Marcado pela sarjeta (Somebody up there likes me), de Robert Wise (EUA, 1956). Com Paul Newman, Pier Angeli, Everett Sloane.

Drama/Biografia.

Sinopse: Biografia do boxeador Rocky Graziano. Esta foi a segunda aparição de Steve McQueen num filme feito para o cinema. 114 min. 14 anos. McQueen faz uma participação tão pequena que não foi creditada no elenco, mas pelo menos o ator tem algumas falas, além de participar de uma sequência de briga. Deste filme que nasceu sua obsessão em ser igual ou maior do que Paul Newman. Sua primeira aparição no cinema foi no melodrama “Girl on the run”, dos diretores Arthur J. Beckhard e Joseph Lee (EUA, 1953), como figurante, ao fundo, numa cena que dura menos de 40 segundos. A sequência é tão rápida que nunca é mencionada em sua filmografia.

Procurado vivo ou morto (Wanted dead or alive), seriado criado por Thomas Carr (EUA, 1958-1961). Com Steve McQueen.

Western.

Sinopse: Um veterano da Guerra Civil ganha a vida como caçador de recompensas no Oeste Selvagem dos anos 1870. Steve McQueen já tinha participado de outras séries para a TV em pontas ou pequenos papéis, mas em “Procurado vivo ou morto” ele foi o protagonista, e a produção marca o início de sua carreira de sucesso.

Três temporadas com 94 episódios. 12 anos.



Ficha Técnica



Ficha Técnica

Patrocínio

Banco do Brasil

Realização

Centro Cultural Banco do Brasil
Secretaria Especial da Cultura
Ministério do Turismo

Produção

BLG Entretenimento

Coprodução

Abbade Entretenimento

Idealização & Curadoria

Mario Abbade

Coordenação Geral

Breno Lira Gomes

Produção Executiva

Daniela Barbosa

Produção atividades on-line e ação formativa cultural

Isabela Reis

Produção local

Karina Francis Urban e Mauricio Maia (São Paulo)
Villa-Lobos Produções (Brasília)

Assistente de Curadoria

Luciana Costa

Assistente de Produção

Gregory Baltz

Monitoria

Pedro Muniz (Rio de Janeiro)

Assessoria de Imprensa

Alexandre Aquino (Rio de Janeiro e Brasília)
Sinny Assessoria (São Paulo)

Programação visual

Gabriel Cabral

Produção e edição de conteúdo para redes sociais & Desenvolvimento e programação de landing page

Comunicanti Produções

Vinheta & Edição de vídeos de divulgação

Julio Martins

Legendagem

Diana Iliescu

Sessões com Recursos de Acessibilidade

Ver com Palavras

Plataforma de exibição on-line

Wurlak

Coordenação Administrativa

Mariana Sobreira e Felipe Valle –
Fomenta Consultoria

Contador Responsável

Alexandre Bastos de Mesquita - ABMCONT –
Serviços de Contabilidade

Equipe Catálogo

Organização, Coordenação Editorial & Revisão de Textos

Mario Abbade

Design Gráfico e Comunicação Visual

Gabriel Cabral

Foto na Capa

Bullitt (divulgação)

Foto na Contracapa

Acervo pessoal Steve McQueen (divulgação)

Agradecimentos Especiais

Acervo Pessoal Steve McQueen

Acervo do Fotógrafo William Claxton

Chad McQueen

Agradecimentos

Alda / MPLC

BV Licenciamentos

Eidil Fonseca

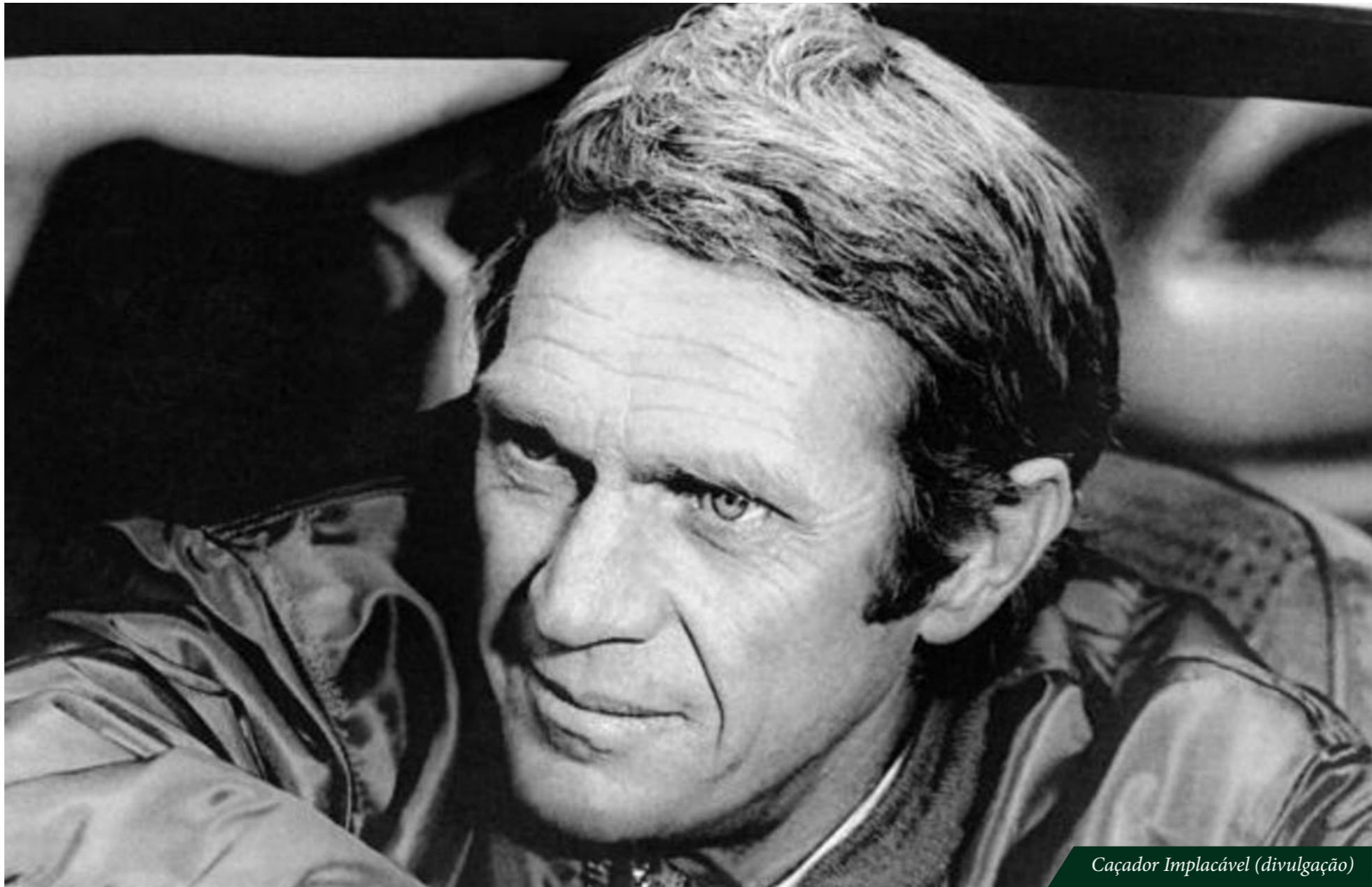
Ernani Silva

Fluminense Football Club

Malu Allen



Acervo pessoal Steve McQueen (divulgação)



Caçador Implacável (divulgação)





ISBN: 978-65-86448-05-4

ISBN: 978-65-86448-05-4



Produção



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO

